

Ano II—N.º 59
19 de Setembro de 1931
Preço 1 Esc.

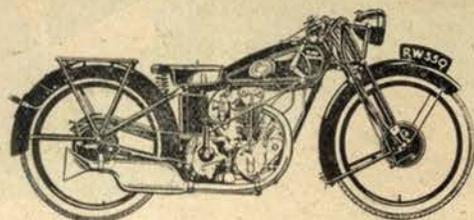
reporter.

Semanário das grandes reportagens



O Fabricante ##
de Loucos

RUDGE Passaportes



Vencedora absoluta

Uma vez mais mostra a sua superioridade sobre todas as outras marcas

No «2.º Circuito Motociclista do Centro de Portugal» (Campeonato de Portugal), realizado no Domingo, em Aveiro, a única moto «RUDGE» inscrita, tripulada pelo Sr. Mário Teixeira, ganhou: 1.º PREMIO DA CATEGORIA DE 500 C. C. (batendo igualmente as de 1.000 c. c. e 750 c. c.) 1.º PREMIO DA CLASSIFICAÇÃO GERAL.

Record da Volta (103,857 kms. à hora)

RUDGE

Vencedora de todas as provas motociclistas realizadas durante esta época e detentora do Campeonato de Portugal em 1930 e 1931

RUDGE usa sempre óleos CASTROL

Agentes exclusivos: SOCIEDADE COMERCIAL PORTUENSE, L.D.A — Galeria de Paris, 58 — PORTO

Sub-agentes em LISBOA: GARAGE OLYMPIQUE — Rua José Estevão, 23-B.

Espanha, França, Brasil e América do Norte

AGENTES NO NORTE DA

UNITED STATES LINES

Nicolau Ferraz

R. do Loureiro, 60

Tel. 762 Porto



A maravilha das gramofonas, a ELECTRO-SONORA, trabalha electricamente ou por corda, motor para 110 ou 220 «volts».

118 — Rua de Cedofeita — 120

PORTO

TABACARIA CENTRAL DE

Aurélio Ferreira & C.ª, L.ª

TABACOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS — LOTARIAS — SÊLOS, LETRAS E PAPEL SELADO — IMPRESSOS DA JUNTA DE CRÉDITO PÚBLICO — JORNAIS E REVISTAS — NOVIDADES LITERÁRIAS — PERFUMARIAS — ARTIGOS DE ALTA NOVIDADE

19, Praça da Liberdade, 20 — PORTO

TELEFONE, 258

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e tantas outras drogas que lhe têm impingido para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bolsa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empregam nos seus magníficos trabalhos de pintura.

Constatará que é só

KOMOL

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha, desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe em sua casa, e sem auxílio de ninguém, restituir a cor natural aos cabelos em 15 minutos. E eles ficam macios, soltos e brilhantes, ninguém conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A venda nos melhores estabelecimentos. Representante. M. CABRAL — R. Camilo Castelo Branco, 20, Telefone N. 3831. — Depositário — FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240 — Telefone 21415 — Agente no Porto — A. QUADROS Jr. — R. de Traz, 7, 2.º — Telef. 87



CYMA

Se V. Ex.ª tem de presentear alguém, deve lembrar-se que um relógio desta marca, é o melhor presente que pode encontrar.

VENDE-SE EM TODAS AS RELOJOARIAS E OURIVESARIAS

CIMENTITE

Evita a humidade e o salitre

Proteja a sua casa com este preparado que torna todas as argamassas de cimento absolutamente impermeáveis. Aplica-se há 22 anos e tem sido premiado em todas as exposições onde tem concorrido

JOAQUIM GONÇALVES AMARO & F.ª

Rua d. Santos Pouzada, 127 — PORTO

TELEFONE 668

Homens & Factos do Dia

O triunfo
da reportagem

HÁ poucos anos ainda — quando nós iniciávamos a nossa carreira profissional — os chamados escritores de categoria, os literatos puros, tinham pelo jornalismo um certo desdém. Entre o literato de fama, que escrevia pausadamente, encerrado num gabinete tranqüilo onde nem sequer as moscas tinham licença de zumbir, e o jornalista plebeu, que esguichava de um jacto nervoso a crónica ligeira ou o «artigo de fundo» de oportunidade, esses homens superiores que o talento ungia de uma respeitabilidade quasi celestial estabeleciam a mesma diferença que existe entre o mestre pintor de arte e o pintor industrial que estampa por molde florinhas exóticas no bojo das terlinas e dos bules. O jornalismo era considerado o género mais reles, mais mesquinho da literatura. E mesmo dentro do jornalismo se estabeleciam categorias, apartando para um lado — o lado nobre — os cavalheiros pacatos, caspentos, que traçavam com mão pesada e segura o «artigo de fundo» substancioso, recheado de conceitos graves e de bom senso conselheiral, para o outro — o lado inferior — aquilo que eles classificavam, de lábio desdenhoso, de «reporters». O «reporter» era, portanto, nesta arte ingrata de transmitir pensamentos e emoções ao papel, a escória, a quem se perdoavam todos os erros de gramática e a quem se distribuía — como se tratasse de moços de recados — os serviços inferiores, os fretes da gazeta. A primeira qualidade que se exigia ao «reporter» era elasticidade de pernas, velocidade de movimentos. O «reporter» fazia jornalismo com os pés. A cabeça não era necessária. A cabeça tinham-na os lumináres da redacção, os senhores redactores, que corrigiam as notícias, arrancando, catando, dos linguadros dos «reporters», as palavras populares, as baixas expressões, alisando, escovando as reportagens até lhes arrancarem a melhor qualidade que elas teriam — a vida — para as apresentarem ao público leitor tão lindas, tão engomadas e esticadas como as quinzeas vistosas que os armazéns de adelo ou fanqueiro vestem aos seus manequins.

Certos escritores de categoria, certos jornalistas de «artigos de fundo», que

há cinqüenta ou quarenta anos estavam absolutamente convencidos de que a sua obra literária ou os seus artigos conceituosos entrariam com seus aureolados nomes na posteridade luminosa, se resuscitassem agora tornariam a morrer de desapontamento. E' que o que tem subsistido, durado, resistido aos estragos do tempo, não é aquela obra pausada e fria que eles manipularam trabalhosamente no segrêdo dos seus gabinetes confortáveis, fugidos ao contacto da vida, dos acontecimentos, da rua; não foram tampouco aqueles artigos burilados, de frases arredondadas, de palavras simétricos e rotundos, mas sim o que essa obra ou esses artigos continham de essencialmente jornalístico, o que nesses escritos revelava qualidades de «reporter».

Quem se importa, a não ser algumas meninas piegas e teimosamente românticas, com os entrecos sempre iguais na essência dos romances de Camilo? O que hoje subsiste, o que ainda emerge da poeira do tempo, é a reportagem, por vezes tão palpitante, tão sensacional, que numa e noutra página das suas novelas, que se salvam do ridículo pela beleza do forma, o gigantesco escritor fizera dos acontecimentos da sua época ou de épocas mais recuadas; o que encanta e empolga é o seu jornalismo vibrantíssimo das Noites de Insónia ou das Memórias do Cárcere.

Eça de Queiroz salvou-se do esquecimento e lê-se com emoção nos nossos dias porque foi o maior «reporter» da sua época. O que é Os Maias? Reportagem. O que é A Relíquia? Uma reportagem ao Santo Sepulcro. O que é toda a sua obra de romancista? Uma formidável reportagem à vida nacional. E não contente com isto, Eça desceu a focar em crónicas sucessivas e metódicas, publicadas nos jornais — crónicas que são admiráveis reportagens —, os acontecimentos de maior vulto produzidos na

reporter

O SEMANÁRIO
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-
SÃO EM PORTUGALGrandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros,Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

PRÓPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

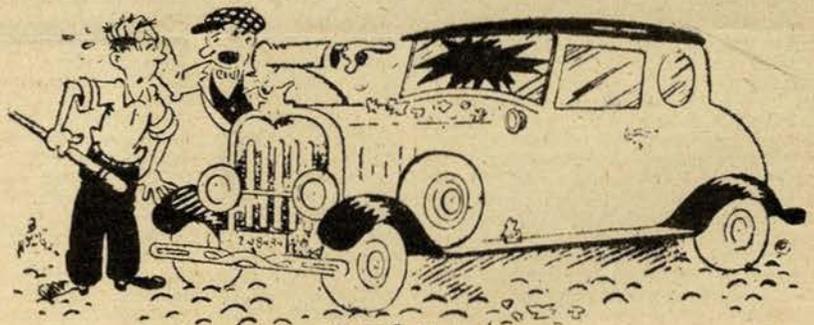
Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(Reporter X)Chefe da Redacção
MÁRIO DOMINGUESRedacção, Administração e Publicidade
Rua do Alecrim, 65 — TEL. 2 1276 — LISBOA
End. Electr.: REPORTERX — LISBOAComposição e Impressão
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da
Rua do Alecrim, 61 — Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses — série de 12 números — Esc. 11\$50
6 » » » 25 » — Esc. 22\$50
12 » » » 52 » — Esc. 44\$50Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantadoEuropa do seu tempo. Fez um enorme e
desprezível trabalho de «reporter».

Pouco a pouco, a despeito da resistência dos caturras, o «reporter» foi galgando, na vida moderna, do ínfimo posto literário que os senhores consagrados quiseram dar-lhe às culminâncias da arte de escrever. E é com assombro que se descobre que muitos dos escritores geniais que a opinião dos catadráticos entronizou encantam sobretudo pelo que

(Conclue na pag. 11)



«Chaufeur» indignado: — Você sabe o que fez? Quebrou um vidro dos mais caros — um vidro inquebrável!...

O FABRI- CANTE — — — DE LOUCOS

O progresso de todas as indústrias — Qual é a origem da loucura? — Uma queixa à polícia de New-York — A tragédia de Edith White — George Cordero ou Jorge Cordeiro — Em torno de uma herança — A injeção misteriosa — Em Lisboa, no ano de 1923 — A conclusão lógica.

VIVEMOS numa época em que tudo se industrializa. A produção metódica, calculada, prevista cientificamente pela álgebra dos matemáticos e pelas análises dos laboratórios, está na ordem do dia. Fabricam-se caçarolas de alumínio e pares de sapatos em séries de milhares, de milhões, todos iguais, com o mesmo número de pontos, o mesmo péso, a mesma côr; fabricam-se manequins articulados com um movimento, uma sugestão de vida desconcertantes, que falam e andam como se possuíssem veias e sangue a vivificar-lhes os corpos ôcos. E até, por modernos processos de educação científica, «standartizada», como se usam na América e na Rússia, se criam homens, de temperamentos muito parecidos, como se fundissem as suas almas no mesmo cadinho, como se lhes applicassem o mesmo processo com que se fabricam canhões do mesmo calibre, perfeitamente idénticos.

Que admira, pois, que exista um fabricante de loucos por um processo científico, com investigações de laboratório, tão perfeitas como as que se fazem para achar o micróbio de uma doença epidémica ou o segredo de uma nova vacina?

Se nos disserem, de chofre, sem prévia explicação, que existe um homem — um português — que fabrica loucos com a mesma facilidade com que as fábricas de cerâmica produzem pratos vidrados com ramagens repetidas, sempre iguais, em milhares de exemplares, nós soltamos uma gargalhada incrível. Pode lá ser a loucura produzida racionalmente por um cavalheiro de bata branca, que maneja frascos plenos de líquidos estranhos, retortas e pinças? Mas depois veio a reflexão e ela nos segreda que tudo é possível no nosso século — até a loucura artificial, isto é, a loucura provocada proposadamente por um homem de ciência.

Basta partirmos de uma verdade — uma verdade que nos foi indiscretamente revelada — que ainda não foi divulgada no mundo dos homens de ciência: a loucura tem, como tantas outras doenças, a sua origem num bacilo. Há um bacilo que produz a tuberculose, como há outro que provoca a loucura. Pode cultivar-se o bacilo da loucura

como se cultiva o bacilo de Kock. O da loucura podia distinguir-se pelo nome do seu descobridor: Cordeiro. Foi Jorge Cordeiro quem fez esta maravilhosa descoberta.

Há pouco tempo, a terceira edição do *New-York Times* (14 de Agosto do corrente ano) dava conta de uma queixa misteriosa e estranha apresentada à polícia da grande cidade americana por uma mulher — Edith White — contra George Cordero, médico alienista, que pretendia enlouquecê-la por um processo científico, a soldo de uma sua sobrinha, Daisy White, que era também sua única herdeira. Do relato atabalhoado e nem sempre lúcido da queixosa, compreendeu a polícia que George Cordero (forma americanizada de escrever Jorge Cordeiro) era uma espécie de profissional da loucura, provocando-a por encomenda com a mesma facilidade com que um sapateiro hábil manufactura um par de sapatos.

Edith White sentia-se, havia alguns dias, adoentada do fígado, e sua sobrinha, com fingida solicitude, levou-a ao dr. George Cordero, médico amável que aparentava ter uns quarenta anos de idade ou pouco mais. Ao cabo de duas ou três visitas, como não se sentisse melhor, Cordero aconselhou o seu internamento numa casa de saúde que dizia possuir nos arredores de New-York, a fim de lhe fazer uma operação da qual resultaria inevitavelmente a sua cura radical. Edith aceitou a proposta cheia de esperança e deixou-se conduzir à citada casa de saúde, onde lhe deram um quarto confortável, tão confortável que as paredes, o chão e as portas eram almofadados e a luz penetrava por um tecto alto e envidraçado. Manifestando a sua estranheza pelo aspecto do quarto, a enfermeira que lhe destinaram, um virago atlética de olhar sombrio, respondeu-lhe, com um leve sorriso de troça, que todas aquelas precauções eram para evitar os ruídos exteriores, muito prejudiciais às pessoas que sofriam operações melindrosas.

No dia seguinte conduziram-na numa maca à sala de operações, onde se encontrava o dr. George Cordero, a enfermeira e sua sobrinha. Todos três a trataram com grande atenção e carinho, dando-lhe esperanças de cura e aconselhando-a a não temer pelo resultado da operação. Deram-lhe um narcótico que a prostrou mas não a adormeceu tão rapidamente como julgavam, pois Mrs. Edith ainda ouviu um fragmento do diálogo entre o médico e a sobrinha, mais ou menos nestes termos:

— Quanto tempo leva a loucura a produzir-se, doutor?

— Uma semana, o máximo. Amanhã já começará a manifestar os seus primeiros sintomas. Mas só o tratamento de oito dias seguidos dará com segurança o efeito desejado.

— Bem, doutor, depois dos oito dias darei a segunda prestação. E logo que estiver de posse da herança, não me esquecerei de recompensá-lo condignamente.

Supõe Edith que a conversa se teria prolongado, mas dela não pôde dar mais conta, em virtude de ter mergulhado no sono pesado de que só acordou, supõe, muitas horas depois, com grande esvaimento de cabeça, alíntivas perturbações, vertigens, etc.

Quando no dia seguinte o médico se apresentou para lhe dar uma injeção de um soro ou líquido que retirava de um frasco, Edith insultou-o, acusando-o de a querer enlouquecer, de combinação com a sobrinha, para lhe apanharem a fortuna, dando-a como interdita. O dr. Cordero riu-se clinicamente e disse-lhe:

— Doida já tu estás, velha do demónio. Sentiu então um acesso de cólera, quis atirar-se ao pescoço do malvado, mas a enfermeira atlética vestira-lhe um colete de forças que a manietou. Com um vagar propositado, Cordero injectou-lhe o líquido, dizendo, escarninho:

— Sabes o que é isto? O bacilo da loucura já te corre nas veias. Não lhe escaparás.

E sobre estas palavras retirou-se com a enfermeira, deixando-a estirada no chão almofadado. Efectivamente, Edith confessa que só durante algumas horas por dia a sua razão era clara. Fôra desses pequenos períodos tudo parecia confuso à sua volta e pensava coisas tão disparatadas que nos

momentos de lucidez a deixavam aterrada ao recordar-se delas.

Como conseguiu evadir-se? Lembra-se que se mostrava dócil por tática e, julgando-a conformada, ao cabo de três dias tiraram-lhe o colete de forças. Sua sobrinha foi vê-la, dirigindo-lhe afectadas palavras de ternura. A velha fingiu não a conhecer.

— Já não se lembra de si — disse o médico. — O efeito mais vulgar neste género de loucura que eu cultivo é a amnésia. Vai transformar-se num trapo inofensivo.

E realmente assim a julgavam já, porque nem o cuidado tiveram de fechar-lhe a porta, deixando-a estirada no chão. Nessa noite Edith fugiu. Como chegou à Prefeitura da polícia não o sabe bem. Andou muito, uma vez recordava-se de pedaços do caminho, outras não.

A polícia está procedendo a investigações em New-York e, no entanto, recordemos nós um episódio de Lisboa que deve ter ligação com este estranho acontecimento.

Há anos, aí por volta de 1923, o nosso brilhante camarada de imprensa Eduardo Frias, que se interessa por todas as estranhas descobertas da ciência, contou-nos que um amigo lhe apresentou um tal Jorge Cordeiro, tipo esquisito de rato de laboratório, que lhe falou com grande animação de todas as modalidades da loucura. O homem não era médico mas conhecia psiquiatria de uma maneira assombrosa. Depois de mais três horas de conversa, o tal Jorge Cordeiro disse-lhe, rematando a sua longa exposição:

— O que você não sabe é que a origem da loucura é um bacilo, tal como o da tuberculose.

— Homem, quem fez essa descoberta?

— Eu — respondeu sêcamente a misteriosa personagem. E após uma hesitação, baixando a voz, confidenciou: — Fazendo a cultura dêsse bacilo pode-se inocular a loucura em qualquer pessoa.

— E não seria possível também descobrir-se uma vacina?

— Sim — respondeu o Cordeiro. — Resta saber, porém, qual será mais lucrativo: se inocular a vacina ou o bacilo.

Quando, no domingo passado, perguntámos a Eduardo Frias se sabia do paradeiro do tal Jorge da loucura, como lhe chamavamos, aquele nosso amigo respondeu-nos:

— Parece que emigrou para a América. Então demos-lhe a ler a notícia do *New-York Times*. Terminada a leitura, Frias exclamou, sem hesitação:

— Sim, deve ser o mesmo. Pelo seu aspecto e pelas suas palavras um pouco maquiavélicas, aquele homem deve ser capaz de tudo. Se não é um louco é um fabricante de loucos.

M. D.



Uma burla que dura 20 anos



Madame Humbert

HÁ quem diga que Lisboa é uma cidade pacata, vagarosa, sem ritmo de febril civilização, uma espécie de grande aldeia encastrada em sete colinas a um canto arredado da Europa. E assim distante não tem ambiente nem oportunidade para se tornar palco de um grande drama mundial, de um formidável escândalo europeu. Os *escrocs* de renome, os assassinos célebres, os literatos em voga esquecem sistematicamente Lisboa, porque sendo ela uma espécie de aldeia de pescadores esquecida dos centros fabricantes do mundo é um escasso e pobre palco para nêle erguerem o cenário complicado e misterioso para as suas mágicas estupendas.

Pois enganam-se os defensores gratuitos da civilização. Não existe melhor palco para as inverosímeis aventuras do que Lisboa. É um palco que possui um cenário natural melhor de que todos os cenários artificiais inventados, esboçados, realizados pelos melhores autores dramáticos, pelos mais imaginosos cenógrafos, pelos melhores actores, porque Lisboa possui o estuário admirável do Tejo, onde pôde abrigar-se toda a esquadra britânica, e o Oceano Atlântico, que liga a Europa com todo o globo.

Estas considerações arrojadas foram feitas, há dias, após um jantar banal no «Metropole», por um português quasi estrangeiro pela sua permanência de perto de trinta anos consecutivos em Paris. É o português mais parisiense que conhecemos. Chama-se Herculano Santos e foi um anti-patriota, stibitamente tocado, no fim da sua vida, pela nostalgia da pátria. Hoje conta sessenta e quatro anos e quer morrer em Lisboa e em Alfama, onde nasceu. Transitóriamente, isto é, na ante-câmara da morte, como éle próprio diz com toda a força dos seus pulmões ainda bastante robustos, vive no «Metropole», porque quer por esta forma prestar ao génio hoteleiro de Alexandre de Almeida uma homenagem condigna.

Pois foi éle que recordou a passagem por Lisboa dos heróis do maior escândalo da França dos últimos cinquenta anos. Esses heróis estiveram em Lisboa em 1902, hospedados durante alguns dias no Hotel Borges, do Chiado, então um dos mais famosos da Europa. Foi o conhecimento directo desses aventureiros, presididos e orientados por uma mulher génial, que decidiu do destino desse português — Herculano Santos —, atirando-o para a voragem absorvente de Paris e devolvendo-o agora saído e reconciliado com o minúsculo Portugal, que ocupa no seu coração um lugar enorme.

UMA FAMÍLIA MISTERIOSA

— Num dos primeiros dias de Maio de 1902 — contou Herculano Santos —, quando eu saía do

Hotel Borges, onde tinha o meu *appartement* de solteiro impenitente, cruzei-me com uma numerosa família estrangeira que entrava. Espicaçado por uma inexplicável curiosidade, retardei os meus passos no *hall*, enquanto aquela gente procedia à formalidade de escolher quartos, assentar os nomes, etc.. Foi então que notei, entre a numerosa família, o rosto de mulher mais lindo que até áquele dia meus olhos tiveram a ventura de contemplar. Quedei como que hipnotizado pela formosura daquella rosto oval, muito branco e fresco, de lábios cor de lacre, olhos escuros, grandes, veledos por pestanas longas. Por um momento ella fixou-me. Senti algo como se a alma me acudisse ás faces numa onda de sangue.

«Eu tinha trinta e cinco anos e, sem ter feito voto de castidade, tomara a deliberação de morrer solteiro. Amava a minha liberdade, queria estragar sózinho, sem prisões matrimoniais, sem conselhos de família, a fortuna que meu pai me legara. Mas, naquele momento, as minhas férreas deliberações vacilaram. Se me dissessem: «Casarás com aquella mulher» — eu não hesitaria. Deixei-os recolher aos seus aposentos, seguindo com a vista, quando éles se afastavam, o vulto gentil, sério, da minha deusa, que dava o braço a um homem de meia idade que parecia ser seu pai.

«Sempre curioso, pedi ao porteiro que me mostrasse o livro onde registara os seus nomes. E li: Carlos Blanc e sua esposa Eva Blanc; Marta Henry, Pedro Duval, Leo Marques, e mais alguns nomes que não me ocorrem agora. Foi então que o primeiro desapontamento me feriu em cheio no coração. Aquele homem a quem Eva — era o nome da deusa — dava o braço não era seu pai, mas seu marido.

«Aquella família não saíra do hotel durante os poucos dias que permaneceu em Lisboa. Dir-se-ia que um denso mysterio os envolvia a todos. Eu, cada vez mais seduzido pela beleza estonteante de Eva, quasi não saía também. Espiava todos os momentos em que podia encontrá-los; ao jantar escolhia lugar de forma a ter Eva sempre na minha presença, e ela, por olhares furtivos, onde eu adivinhava divinalis promessas, parecia demonstrar que a minha insistência em procurá-la, em contemplá-la, lhe era agradável.

«Um dia consegui falar-lhe na sala. E a partir desse dia tornei-me seu escravo. Quem era essa mulher? Que fazia em Lisboa toda aquella família? De onde vinham? Para onde iam? Mysterio. Já Eva me fazia certas concessões de longos beijos trocados na penumbra, quando uma noite, com os olhos marejados de lágrimas, me disse: — «Meu pai resolveu partir amanhã para Madrid». — «Teu pai?» — inquiri, assombrado. E ela, visivelmente perturbada, emendou à pressa: —

«Meu pai, não, meu marido». Mas eu estava demasiado preso dos seus encantos para notar as suas contradições. Pensava apenas que ia separar-me daquella mulher, que provavelmente não tornaria a encontrá-la no meu caminho. Sofri uma noite de ansiedade e insónia.

«E no dia seguinte, no mesmo combóio, seguia com éles para

Madrid. E mal pensava eu que revelações me esperavam.»

A PRIMEIRA REVELAÇÃO

Herculano Santos acendera o charuto, recolhendo-se melhor nas suas recordações, e proseguiu:

— Chegámos a Madrid no dia 11 de Maio. Durante a viagem as nossas relações estreitaram-se um pouco, mas sempre frias por parte da família de Eva. Esta retraía-se um pouco para não trair o seu segredo de amor. Apenas Marta Henry, uma viúva, que falava muito no seu palacete de Bruxelas e nas brilhantes recepções que nele dava, se dignou conversar longamente comigo. Era uma mulher ainda fresca, que revelava uma educação superior, uma prática larga do grande mundo. Citava os melhores nomes da politica, das artes e das letras francezas como sendo visitas da sua casa em Paris, onde, dizia ella, se reunia o *grand-mond*. Mas na *gare* de Madrid deram-me delicadamente a entender que a minha presença era dispensável e eu, muito correcto, fingi tomar despreocupadamente o meu caminho, seguindo-lhes, porém, no meu trem, disfarçadamente os passos. Não queria perder Eva de vista. Soube assim, logo depois da sua chegada, que não se instalaram em qualquer hotel. Alugaram um *appartement*, que nesse mesmo dia mobilaram à pressa.

«Mas em Madrid, como em Lisboa, aquella família não saía à rua. Apenas os três homens da comitiva appareciam furtivamente. Notei que deixavam crescer os bigodes e davam à barba um corte diferente. Comecei a suspeitar de tudo aquilo. Havia com certeza um mysterio a envolvê-los. Os homens tinham o propósito de se disfarçarem e as mulheres nem sequer à janela assomavam. Realizavam-se nesse momento em Madrid as festas da coroação do rei Afonso XIII. A capital espanhola encontrava-se cheia de forasteiros. Toda a gente procurava passear pelas ruas para assistir aos festejos. Só aquella estranha família teimava em recorrer-se numa vida quasi conventual.

«Estavam muitos portugueses em Madrid nessa altura e foi um amigo lisboeta que, sem querer, me collocou na pista de toda aquella embrulhada, indicando-me uma noticia do *Século* chegado de Lisboa, intitulada *A grande burla de madame Humbert*. Dizia essa noticia que tinham estado em Lisboa Monsieur Archwanden, adjunto da Prefeitura de Paris, acompanhado de dois comissários da Segurança Geral e três inspectores, procedendo a investigações sobre o escândalo da herança Crawford, pois se suspeitava que toda a família envolvida na burla tivesse vindo a Lisboa a fim-de embarcar com destino à Argentina. A po-

(Conclue na pag. 13)



Román Daurignac e a esposa

Bairros de mistério, de crime e de miséria (a)

IV -- O "Bairro Caravela" de Hamburgo

A revolução «spartakista» — Um bairro que parece navegar — A rua da nudez monstruosa — A polícia! — Uma frase em português — O pudor da cortês «morena entre loiras»

UMA das primeiras reportagens que fiz na «Agência Americana» — ou seja para a imprensa sul-americana —, ao ser-me confiada a sua representação em Paris, foi a da revolução «spartakista» em Hamburgo. Estávamos em 1919; a paz tivera a sua apoteose teatral em Versailes e a Europa era um vulcão: cada país apresentava uma cratera de fogo, de sangue e pontos de interrogação, em lava política. A burguesia mundial temia, aflitivamente, que a Rússia tivesse contagiado a Alemanha — o império-policial contra as ideias que se dilatavam no Oriente. Os prisioneiros alemães, que tinham sido «instruídos», durante o cativeiro, pelas ideias bolchevistas, eram os semeadores da revolta, rotulados pelo cartaz de «spartakistas» em homenagem simbólica ao escravo Spartakus, que dera o grito de liberdade, na antiga Roma. Não me surpreendi, pois, quando, poucas horas após a expedição para o Rio e Buenos Aires das notícias alarmantes sobre a Alemanha, me telegrafaram ordenando-me um *raid* imediato a Hamburgo. O «rápido» — com a lentidão de um comboio-correio — partia, de Paris, às 8 horas. Coincidiram no mesmo compartimento três jornalistas, além do... autor desta reportagem: um redactor do *Journal du Peuple* (que era então de Barbusse), outro de *Chicago Tribune*, os restantes do *Daily Herald* de Londres e do *Il Solo* de Roma. De todos, só o representante do *Daily Herald* conhecia até, à minúcia, Hamburgo e os segredos da revolta, aliás defendida,

por *mot d'ordre*, pelo seu jornal — nessa altura já órgão da política esquerdista inglesa.

— «Pena é que a nossa missão — disse-nos ele — não permita ciceroná-los por Hamburgo. Gostava que visitassem, pela minha mão, o bairro mais pitoresco do mundo — o «Bairro Caravela»...

Esta evocação, ilustrada pelos cromos que ele nos descreveu, aguçara-nos o apetite... Chegámos à Babilónia alemã no início da madrugada e tivemos de zigzegaguear por entre as barricadas, onde ladravam dezenas de metralhadoras. Lá conseguimos estampar em telegramas o mapa da revolução, que terminava, com a vitória para o governo do Reich, em 6 de Setembro de 1919. Na véspera de regressarmos a Paris, o mesmo camarada perguntou-nos, à mesa do hotel, se estávamos dispostos a confiar-lhe a noite. Entreolhámo-nos, hesitantes: — «É que...» explicou ele — se vocês quiserem assistir a um espectáculo inédito, daqueles que se emolduram para sempre na nossa memória, eu serei o vosso «Cook»... Esse espectáculo era o «Bairro Caravela».

Ninguém sabe ao certo — nem o município de Hamburgo — como se chama o bairro que o nosso camarada inglês rotulava com o nome de «Bairro Caravela». Nem mesmo se sabe se é bairro — porque o labirinto de ruelas que irradiam da zona sul do porto é infinito e só algumas pertencem ao «espectáculo» único que vou descrever. O redactor do *Daily Herald* chama-lhe «Bairro Caravela» não por espontânea inspiração mas sim porque no «argot» dos seus habitantes o designam por «Marius Wanderer» e ele, sobrepondo ao calão local o aspecto navegável do casario, o traduziu assim... De facto os neófitos têm a impressão que tudo aquilo «navega», casas e habitantes: os habitantes, pela mistura cosmopolita dos seus tipos, idiomas e trajos; as casas pela antiguidade e originalidade da sua arquitectura... (1) A medida que caminhamos, as ruelas, estreitando-se em forma de funil, tornam-se mais animadas e luminosas. É o paraíso dos marítimos de todos os países com longos exílios de terra, vindos de todos os continentes, sófregos de prazer, de solo firme... e de amor. Jámais foi em bairro algum um «amor» mais degradante, mais nauseabundo, numa nudez mais brutal.

Atravessámos um largo, se largo se podia chamar aquele pedaço de terreno aberto, por uma frincha, entre dois casebres, sobre o cais mais plebeu, e de todas as portas vinha o ruído de *organitos* e pianolas — como sucede em Espanha, nos bairros *castizos*. Quando essas portas se escancaravam e o ruído da música se tornava mais nítido, saía, infalivelmente, a meio de uma neblina de



O moinho que marca o início do bairro de judeus portugueses em Amsterdã

fumo condensado, de centenas de cigarros e de cachimbos, um casal caricatural: um marítimo de nacionalidade sempre variada — inglês, sueco, finlandês, italiano, argentino, espanhol, chinês — e um monstro feminino, colorido nas tintas do rosto e no garrido vestuário, como se o seu corpo torpemente gordo, deselegante e suspeito, tivesse passado por uma impressão litográfica... E notando que não havia na terra cortêsas mais réles, observei que se eles, os galãs semi-embriagados de álcool e lascívia de longas abstinências, se desorientavam e esboçavam encaminhar-se para a embocadura de uma ruela que existia a direito, elas, num repêlo de asco, obrigavam-nos a mudar de rumo.

— «É que...» explicou o nosso «cicerone» — até a estas fêmeas, degradadas na última abjeção, repugna entrar na viela para onde vamos agora...

A viela, em si, pouco exotismo apresenta, a não ser que as duas entradas se estrangulam, formando como que uma dupla boca, franzida, de um saco. O casario, obedecendo à arquitectura do «Bairro Caravela», forma uma série de «casebres-lanchas» como que recém-saídos do mar. Mas nenhuma porta tem porta: e espreitando-se para o interior devassa-se toda a continuidade daqueles lares diabólicos; e entre umbrais ou atravessando a viela de um extremo a outro, ou agrupadas a meio em palestra tranqüila, ou perseguindo, como mendigos impertinentes, os marítimos que passam, são centenas as mulheres que desfilam pelo nosso olhar aturdido. E como desfilam! Na mais impúdica exibição dos seus horrores físicos, em toda a miséria dos seus corpos nus, gastos e ulcerados de males incuráveis.

(a) Ler no n.º 54: «Whitechapel» de Londres; no n.º 55: «China-Town» de Londres; e no n.º 56 «Paralelo» de Barcelona.

(1) Ver no n.º 54 do *Reporter X* um aspecto fotográfico do «Bairro Caravela».

(Conclue na pag. 15)



Um aspecto da festa permanente dos bairros excêntricos de Marselha

O que são hoje os grandes senhores da Rússia czarista

O mundo do avesso — Do poderlo à escravatura — Condes que pedem esmola — Um asilo de nobres — Uma princesa quasi centenária que morre pobríssima — Um coronel bailarino de "cabaret" — Um príncipe modisto — Um general "chauffeur" de "taxi" — A grande opereta da vida.

A Revolução Russa, engendrando um mundo novo, com as suas reformas radicais, com o seu extremismo social, que voltou absolutamente do avesso as convenções e as situações criadas pelo velho mundo que se rege pelo sistema burguês, criou aquilo a que, sem exagero, podemos chamar uma nova raça: a raça dos russos brancos.

Os russos expatriados por incompatibilidade com o regime bolchevista sobem até à cifra quasi fantástica de duzentos mil. Só cem mil pertenciam ao destruído exercito de Wrangel, que após as últimas derrotas emigrou para a Europa. Apenas quinze mil homens tiveram a coragem de regressar à Rússia, nunca mais havendo notícias a seu respeito. Supõe-se que teriam sido fuzilados. O resto tem-se espalhado pelo mundo. O Brasil aceitou muitos centenares de emigrados russos que foram trabalhar em São Paulo, mais como escravos do que como operários; muitos ingressaram nos exercitos sérvio e húngaro; e outros, muitos outros, principalmente os intelectuais, instalaram-se em Paris, formando um bairro característico, com um quartel de cossacos, escolas e estabelecimentos

comerciais, imprensa, tudo russo. Os cossacos de Kuban estiveram construindo estradas e vias férreas na Bulgária; o célebre regimento de assalto de Kornilov esteve, primeiro, trabalhando nas minas de carvão de Pernik e depois emigrou para França, ingressando quasi na sua totalidade nas fabricas de automóveis Renault e Citroën.

UM ASILO DE ARISTOCRATAS

Estas marés de emigração russa para vários países do mundo têm criado situações que, sendo dolorosas, não deixam de ser pitorescas. As maiores fortunas da aristocracia russa, que era a mais próspera do mundo, derriuram com a revolução.

Os bens foram confiscados pelo Estado e, de um dia para o outro, senhores feudais que possuíam terras com a extensão de alguns países europeus, que tinham direitos de vida e de morte sobre populações inteiras, sentiram-se precipitados na mais angustiosa miséria, sem poderio e sem centavo. Príncipes ativos, condessas gentis, velhas fidalgas, generais gloriosos desceram do mundo luminoso onde viviam para a sombra viscosa das vielas dos bairros miseráveis de Paris e Londres, estendendo a mão à caridade, entregando-se a vis misteres, morrendo de fome, uma fome mais dolorosa, mais difícil de suportar pela viva recordação que conservam dos tempos aureos e felizes.

A nota mais impressionante da derrocada da aristocracia russa é dada pelas velhinhas que, na precipitação da fuga, se sentiram subitamente arremessadas, sem recursos, sem protecção, para a miséria das grandes capitais da Europa, onde morreriam à mingua se uma mulher, a Princesa Pierre. Metcherski, com uma energia e tenacidade espantosas, não lograsse fundar um asilo, um estabelecimento de caridade, onde foram recolhidas e onde aguardam, num ambiente de paz, sem luxos, mas com comodidade, que suas vidas outrora gloriosas, discutidas e célebres, se extingam suavemente.

Esse asilo, cujas despesas são na quasi totalidade custeadas por uma senhora que oculta cuidadosamente o seu nome, é situado em Sainte Geneviève des Bois e tem o nome singular de «Maison des Vieillards» (Casa dos Velhos). Nesta casa de paz encontram-se não só as velhinhas da aristocracia, como muitos velhos ilustres, representantes de um mundo que hoje já não existe e que ali, naquele velho castelo e no parque melancólico que o circunda, tentam, ainda apegados a principios que caducaram, fazer



Colonel Schallin, que percorre o mundo como artista de circo



O general Ikonnikov «extra» em Hollywood



Velhas aristocratas no Asilo de Sainte Geneviève des Bois

renascer, com os restos de uma corte brilhante, outra corte pitoresca, composta de destroços, como um manto feito de velhos retalhos de seda. No antigo castelo de Sainte Geneviève des Bois desfilam como fantasmas do passado, como evocação de glorias antigas, a serenissima princesa de Galitzine; o conde de Grabbe, chefe dos cossacos do Don; a viuva do almirante Koltchak, regente da Rússia; o senador Andresvly, governador de Orel; o príncipe Gagarine, mestre de cerimónias da corte imperial; o marechal da nobreza, príncipe Philosphov; o conde Nieroth, grande oficial da Legião de Honra; Markelov, o procurador do Tribunal de Moscovo, o barão de Knoring, general de divisão.

O TRISTE FIM DE UMA PRINCESA

Nesta doce mansão de Sainte Geneviève des Bois expirou há pouco tempo a mais velha reliquia da aristocracia russa: a princesa Elisabeth Narischkin Kurasin. Era quasi centenária e tivera uma das existencias mais brilhantes, mais faustosas e invejáveis do mundo. Quão amargo devia ter sido nos últimos tempos, para o seu orgulho de mulher outrora requestada, célebre, admirada por reis e imperadores da Europa, cantada pelos poetas e adorada pelos maiores escritores da



General Brummer, guarda-nocturno

época distante da sua mocidade, o pão do exílio, o abrigo sempre frio da caridade de um asilo!

Era filha do secretário da embaixada da Rússia em França durante o reinado de Alexandre II. Viveu em Paris os dias do segundo Império, tendo frequentado os salões da célebre e linda mada-

(Conclue na pag. 15)

O cinêma falado

desde o nosso
«CHANTECLER»

que foi o primeiro
do mundo

ao
MODERNO

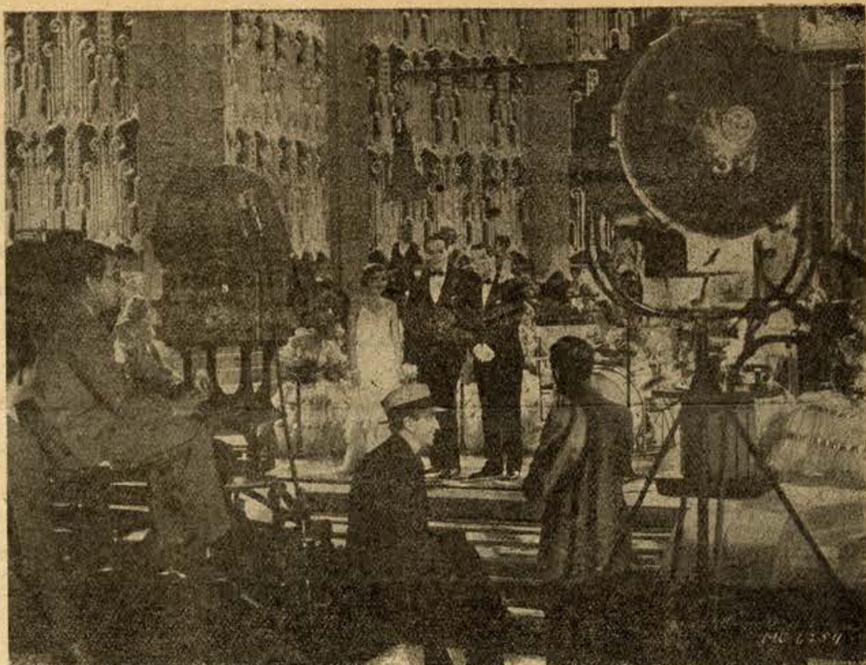
IFILME

SONORO

Grande e sen-
sacional repor-
tagem pelo

Reporter

X



«Técnicos do som» instruindo os artistas para um filme sonoro

UMA «MATINÉE» DE DOMINGO — UM VELHO ACTOR — AS TENTATIVAS DO CINEMA FALADO — OS «TRUSTS» DE HOLLYWOOD — O SEGRÊDO DE «WORN BROTHER'S FILM» — A DESILUSÃO DO SONORO — O PRIMEIRO ACTOR FONOGENICO DO MUNDO — AS MÃOS CARIMBADAS — OS RUIDOS E A EMOÇÃO POPULAR

Foi numa tarde de domingo, ainda dentro do presente mês. Os domingos lisboetas — e são os melhores do país — asfixiam numa sensaboria que é agravada pela disciplina ao dogma de estarmos muito divertidos... por ser domingo. Descuidara-me, cometera a imprudência de abrir uma janela, e o domingo, invadindo-me o gabinete, estragara-me o ambiente de perpétuo dia de semana com que, graças à a. quim. a do isolamento, o conseguira empapar, expulsando-me de casa como a um intruso... Mas na rua, o cortejo monótono dos escravos de ambos os sexos, provisoriamente libertos, os tristes foliões, mascarados de outros seres — que não eles, do Carnaval de liberdade e de ventura que é o nosso domingo; o espectáculo da sua ilusão de serem iguaes aos que se pavoneiam às terças ou às quintas ou todos os dias úteis, menos ao domingo, desesperaram-me e, para evadir-me da rua, encafei-me num cinema. As *matinées* do domingo, a escuridão da sala e o contraste do sol que nos encharca, nos intervalos e à saída, atacam-nos, quasi sempre, com a mesma magoada nostalgia dos velhos que sonham com a mocidade e que, acordando, contemplam da sua cadeira de rodas a mocidade dos... outros... Seria, portanto, pior a emenda, se o filme, não digo qual para que aos leitores de olfacto sensível não lhe cheire a reclamo embuscado, que o cinema Z... exhibia não fôsse, realmente, dos que põem asas na alma e mordaças nos azedumes mais teimosos. Um filme sonoro pensado, cuidado, intelectual, prendendo

com as garras de uma película de aventuras, emocionando como obra de arte e pondo o cérebro em banho-Maria, como se fôsse destinado, não para a efêmera vida do *écran*, mas sim para a eternidade dum monumento...

Um amigo que me acompanhava estabelecia comigo o outro polo para a fâsca das exclamações de entusiasmo, que são, nestes casos, como que o arrôto do gulotão banquetando-se. E tão enlaçados estávamos pela hipnose do filme sonoro que foi simultaneamente que começámos a observar, com curiosidade, um velho que, na nossa vizinhança, seguia, ora careteando, ora gesticulando, ora mono-

logando, conforme se desenrolava, o gráfico luminoso na «pantalla», e se assemelhava a um estilhaço, arranhado e esujo, dum desprezado espelho reflectindo, caricaturando, os gestos, as expressões, as atitudes duma *Phryné*... Era um velho com mais rugas pela gymnástica histriónica do que pelas lâminas da idade. Trajava, num complexo guarda-roupa, fraque amarrotado, colarinho mole, *plastron* no fio, botas amarelas e chapéu de palha negro...

— Tem graça a coincidência... — disse o meu companheiro.

— A fita ou o velho?

— O velho! E sabes porquê? Porque no momento em que nós deliramos ante um filme que é, estou convencido, a máxima perfeição do cinema-sonoro, descobrimos, ao nosso lado, um velho e esquecido artista português que foi o primeiro artista do mundo a fazer cinema falado...

Observei-o, de esguelha, na dúvida de uma chacota; e ao vê-lo tão sério, indaguei: — «Quando e aonde? Na América, em 1928?»

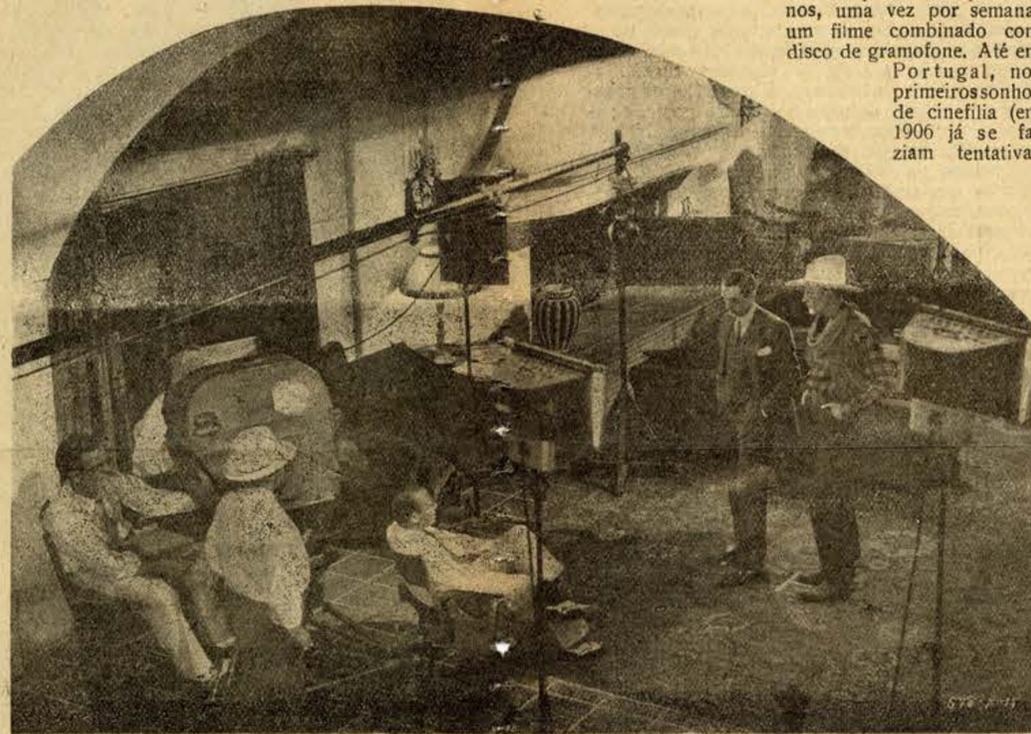
— «Não! Em 1906, em Lisboa!»

Existe uma profecia que garante que o cinema-sonoro, e já vamos saber porquê, foi o suicídio do cinema. É uma opinião; mas desde que a «arte do silêncio» desenroscou os seus tentáculos pelo mundo, que tanto o público (o mesmo que foi o primeiro a lamentar agora a sua sonoridade) como os técnicos aspiravam a quebrar esse silêncio. Não têm conta as tentativas que se fizeram e que fracassaram. O público, já absolutamente abajoujado ante o novo espectáculo, mas ainda agarrado, pela teimosia caturra do «antigo», ao teatro, lamentava que o cinema... não colaborasse com o gramofone para que as «fitas» lhe dessem a sugestão do teatro, porque, para ele, um espectáculo, para ser perfeito, devia assemelhar-se ao teatro... Por outro lado os cinematografistas pensavam que o êxito comercial do cinema dilatar-se-ia até ao infinito se o cinema substituísse o teatro, mecanizando o ruído como mecanizara a acção histriónica. E tanto assim que a *Pathé*, a *Paramount*, a *Ecliose*, a *Lux*, em Paris; a *Cines*, em Roma; a *Mistress*, em Berlim, ou sejam as primeiras marcas industrializadas do cinema, de 1904 a 1906, logo que se convenceram da estabilidade da sua indústria, montaram «studios» e contrataram artistas, e produziam, pelo menos, uma vez por semana, um filme combinado com disco de gramofone. Até em Portugal, nos primeiros sonhos de cinefilia (em 1906 já se faziam tentativas

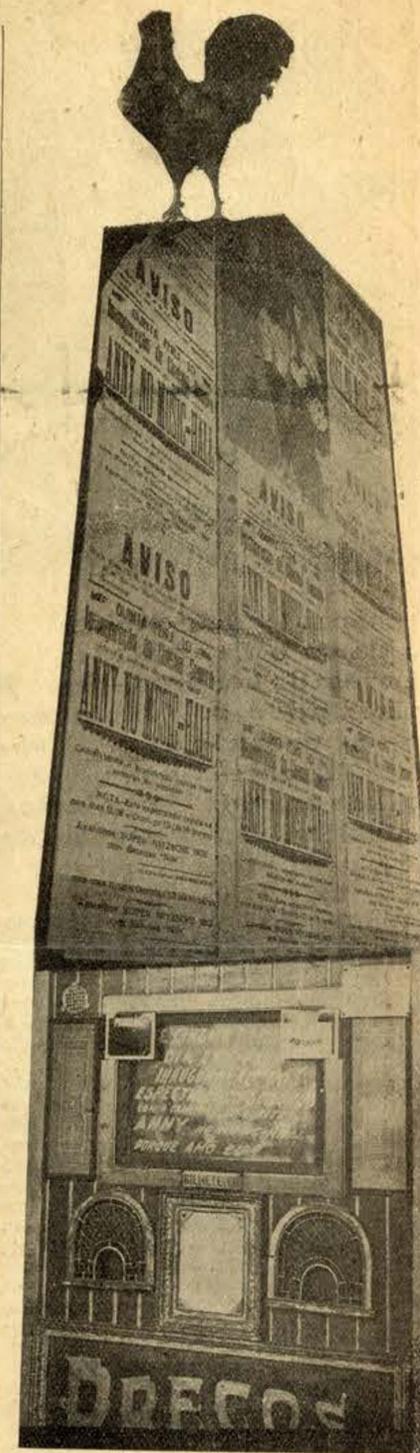
cinematográficas), a nossa primeira marca, a *Ideal*, tão efêmera como as que vieram depois, realizou vários filmes fonográficos, com cançonetes interpretadas por Júlia Mendes, Aura Abranches, etc.. Mas em 1908 — sua primeira fase — fracassava por completo. Não se ligavam, não se entendiam; os ruídos, além de aritmicos e de desvalorizados, fahnosos, de gramofone antigo e impotente para a expansão de uma sala, ou se adiantavam às imagens ou se atrasavam. O público demonstrou eloquentemente o seu desgano preferindo os filmes mudos. Depois dessas tentativas... mecânicas e fracassadas, vieram outras, isoladas. Roger de Lyon, o realizador francês que esteve em Lisboa a produzir «Os olhos da alma», estreou-se no cinema numa nova tentativa: pequenas operetas em dois actos, mais perfeitas que as anteriores mas igualmente insuficientes. Em todo o mundo, os empresários, seduzidos pelo reclamo, julgaram ter chegado o momento do novo triunfo, encheram algumas casas, mas logo sofreram nova desilusão. A última experiência a sério data de 1912. Foi um alemão que criou um gramofone especial para acompanhar o filme, mas o insucesso foi tão grande que se limitou à Alemanha...

Durante quasi vinte anos — sobretudo por causa do desenvolvimento industrial que os trusts americanos deram ao cinema — foi impossível qualquer tentativa de cinema sonoro. Todos os projectos apresentados, todos os inventos se estilhaçavam contra os «interesses criados» dos trusts de Hollywood. E foi por causa dos trusts que o cinema-sonoro venceu em 1927/28...

O cinema americano, pelas crescentes exigências da concorrência, pela falta de espírito e pelo erro de organização, começou a sofrer de dois males, entre muitos outros: o de enriquecer, até ao esbanjamento, o luxo das *mise-en-scènes* e, em consequência, pelo dispêndio de capital, o de se fundirem as empresas, para mútuo auxílio. E tanto assim que, se em 1918 um filme que custava 100.000 dólares era falado; se em 1922 o filme «Monte Carlo», que custou um milhão de dólares, passou como um apogeu nababesco, de 1922 para cá já não havia limite para as despesas de *mise-en-scène*. Por outro lado, das duzentas e tal grandes companhias existentes na América, após a guerra, só perduraram sessenta em 1923; e por último, só se mantiveram, internacionalizadas e dominantes, as seguintes: a *Metro*, a *Paramount*, a *Fox*, a *Universal*, a *United Artists* e poucas mais. Só a *Metro*, que era em 1924 o resultado de quinze marcas divididas então em quatro trusts, se sintetizou numa só marca, num só trust. As outras ou estoiravam ou esmolavam agregar-se aos trusts triunfantes. Uma só se mantinha independente, modesta e na posse dos primitivos donos, livre de trusts: era a sociedade dos «Worn Brother's». Mas, apesar de todos os seus esforços, que podia o pigmeu em luta contra os gigantes? Os gigantes combatiam-no, assooprando apenas, não porque os prejudicasse mas porque os irritava aquela teimosia de liberdade, aquela «filia» de independência no côro servil dos que se lhe entregavam. E o pigmeu começava a sentir o terreno a abrir-se sob os seus pés, sem capital para igualar aos gastos dos outros... Um dia, quando os três irmãos Worn sofriam já a certeza que era o último ano de produção, realizaram uma viagem a New-York, e foram assistir à *première* da «Grande Parada», da *Paramount*, que eles tanto tinham ouvido discutir, durante a realização em Hollywood, mas que não tinham visto. A «Grande Parada» trazia com ela uma inovação: a combinação de uma contra-regra de ruídos com a orquestra para produzir uma sugestão de realismo por meio da sonoridade em ritmo com as imagens. Os três irmãos entreolharam-se... O público aplaudia, entusiasmado. O êxito do filme dependia mais desta novidade do que da obra em si... Pouco depois estreava-se «Ben-Hur», repetindo o mesmo processo, e o triunfo foi maior ainda. Nessa noite, no hotel, os três irmãos ouviram um concerto de T. S. F. e outro de grafonola. Alguém, a propósito desses concertos, disse-lhes: — «A T. S. F. é



Um ensaio de um filme emocionante de aventuras



O popular «Chantecler» dos Restauradores

ainda uma pálida realidade das promessas feitas; e o público, depois de se apaixonar universalmente pela T. S. F., ficou como quem vem dum banquete que prometia ser luculiano e donde saiu insatisfeito. Graças à imperfeição da T. S. F., a indústria do fonógrafo, paralisada há mais de vinte anos, compreendeu a oportunidade e, buscando progredir rapidamente, oferecendo uma perfeição superior à da T. S. F., conseguiu conquistar um público muito mais numeroso e entusiasmado do que no triunfo do início. Hoje, depois do êxito mundial da T. S. F., vendem-se

(Conclue na pag. 12)



A evocação das "Halles" de Paris e do "matador de aves" de Londres—Um episódio de crueldade humana—As proezas do sr. Jerônimo Cabral—A galinha depenada em vida—Os caixotes inquisitoriais—O prazer da dor.

UMA madrugada desta tão inofensiva boémia dos que praticam o *footing* notívago, percorrendo a cidade, discutindo idéias em vez de entoar serenatas, subimos a Avenida até à Rotunda e descemos da Rotunda até ao Rossio, eu e o meu amigo dr. D. R. — o *dilettante* do seu próprio espírito, ao qual tudo sacrificou: glória, benefícios, comodidades... O seu único vício consta em descobrir as mais minúsculas projeções da lanterna mágica da vida, estudá-las, comentá-las e arquivá-las... Não conheço *causeur* mais embuxado de interesse nem maior *stock* de revelações e de comentários imprevistos. Do Rossio passámos aos seus bastidores, tão enfrascados na nossa palestra que nos deslocámos como se estivéssemos suspensos em balões de oxigénio. Volteámos em redor da Praça da Figueira, até que, cerca das duas horas, o guisallar das mulas e as pragas dos boieiros nos marcaram o início dum velho espectáculo, sempre novo e sempre grandioso... : o da armazenagem, nos mercados, dos alimentos para toda uma cidade, durante um dia... Mudando de passeio e abeirando-nos da Praça, recordámos as madrugadas das *Halles*, em Paris, onde formigam perto de 5.000 indivíduos descarregando, distribuindo, vendendo, arrumando, mourejando à volta dos *camions* a transbordarem carne ensangüentada, gotejando para as valetas verdadeiros rios de sangue; onde as exalações dos corpos suados, de mistura com os cheiros das queijarias e as evaporações de toda aquela montanha de alimentos, exaliam lufadas agoniadas; evocámos o «Ventre de Paris», onde Zola, na sua brutalidade cirúrgica, conjuga numa só tela o que Paris inteiro devora em vinte e quatro horas; lembrámos-nos dos mercados londrinos, onde se consomem, numa só manhã, mais de 20 milhões de ovos e onde se degolam, todos os dias, num recinto não maior do que o *hall* da estação do Rossio, dois milhões de galináceos... E a propósito, disse:

— «Não me esquecerei jamais dessa minha visita ao «matador de aves e coelhos», em *Petter-Ull*», nas vizinhanças do Tamisa... O pessoal

— homens, mulheres, garotos — entra no *hall* da matança, pontualmente, às duas da manhã. Até essa hora, outros operários têm estado a descarregar, dos barcos ou dos *wagons* que rodam até ao local, centenas e centenas de jaulas com galinhas, patos, perus, pombos, faisões, etc., vindos da província e do estrangeiro, sobretudo da França e da Alemanha, embora a própria Espanha — admire-se — também os exporte para Londres. O ventre de Londres — 9.000.000 de ventres! — é insaciável... Houve um patusco que teve a pachorra de calcular o total do espaço ocupado nesses 9 milhões de estômagos pela comida de um dia, e concluiu que era preciso arranjar um estômago com 108.000.000 de metros cúbicos!!!

«O início desse espectáculo trágico e sangrento — porque o é — interessa pelo cuidado, pelo asseio e pela generosidade que orientam todos os serviços. Os inspectores e os veterinários que assistem às descargas examinam jaula por jaula, e se elas não obedecem às determinações impostas, se não oferecem aos pobres animais as comodidades exigidas; se eles vêm a «trouxe-mouxe», asfixiados, apertados, magoados, ou revelam sintomas de sede e fome, porque, durante a viagem, não cuidaram deles como é obrigatório, os exportadores são imediatamente castigados... Feito esse exame, começa a degolação... Os «verdugos» envergam umas blusas alvíssimas — que não tardarão a tingir-se de vermelho —, arregaçam as mangas e experimentam o material da execução (sempre sob a vigilância dos inspectores e veterinários). Dividem-se em grupos de três. Cada grupo tem uma mesa de pedra, e enquanto um vai arrastando as jaulas para junto dessa mesa, o segundo abre-as, desenjaula um animal de cada vez e entrega-o às mãos do terceiro, que o decapita, dum golpe científico, tão rápido que o corpo da vítima apenas estrebucha numa convulsão agónica de um segundo, o sangue escoar-se pelos ralos da mesa para o reservatório existente em baixo, e o cadáver é arrumado num cesto que está à direita e que, ao encher-se, será colocado numa ponte rolante que o leva para outro *hall*. A menor imperícia que possa prolongar ou dilatar o sofrimento previsto do animal, é imediatamente notada pelos vigilantes e o seu causador censurado, castigado ou despedido, conforme os antecedentes no mesmo campo.

«Os cestos com os cadáveres, deslocados sob a ponte mecânica, chegam ao segundo *hall*, onde outras brigadas tomam conta deles e começam a depená-los e a prepará-los para a venda a reta-

lho... Se o *hall* da matança aflige pela vertigem da morte, pelo espectáculo conjunto de um milhão de mortes, de um milhão de vidas ceifadas num ritmo angustioso; pela orquestração de milhares de galinhas cacarejando, de patos grasnando; e sobretudo pelo fartum especial das grandes aglomerações de aves, o cheiro das penas — das penas, sim! —, e sobretudo pelo cheiro alacre, nauseante, embriagador, do sangue, vertido num total de milhares de hectolitros, o outro *hall* perturba, asfixia e intoxica, pelas ondas revoltas e em constante dilatação das penas que se arrancam a milhões de aves e que, atapetando o soalho de forma aos operários mergulharem as penas até quase ao joelho nesse mar de fôfidão, ficam esvoaçando na atmosfera, em nuvens densas, colando-se ao nosso rosto, entrando pela boca, juntamente com o ar que respiramos!»

— «Esse espectáculo tem a grandiosidade do número, pelos milhões de corpos e de vidas que nele se jogam — comentou o meu companheiro de *raid* nocturno —, mas talvez eu tivesse já sentido, aqui nesta praça, e a esta hora, pouco mais ou menos, uma emoção mais violenta, emoção de dor, das que nos arrepiam como um contacto de uma lixa e nos rasgam o coração e os nervos, humedecendo-nos os olhos e obcecando-nos a um tal ponto que durante meses ou anos se fixam no nosso pensamento como uma tortura mecânica a que tivéssemos dado corda para nos inquisitoriar todos os dias... Vaguear, sozinho, pelo mercado, até que, não sei por quê, esqueci-me frente a uma porta, iluminada e entreabrada.

Eu estava no escuro e via, sem ser visto... Antes não tivesse tido essa curiosidade! Era um desses cacos de vendedores de galináceos a retalho, que abundam na Praça... Era um homem — o patrão — um Hercules mal encarado, braços nus e peludos, arcabouço cilíndrico, e cercavam-no vários auxiliares, vários verdugos. Estavam na hora da matança... Que horror! Não era já o descuido, a insensibilidade ante o sofrimento dos animais, a pressa de acabar com o serviço, mas sim um gozo, um sadismo, um prazer premeditado... Quebravam os ossos aos pobres animais, antes de os matarem, e gargalhavam às risadas quando os viam mancos, aos tropeços ou caídos, na tortura da sua dor... Davam-lhes pontapés, perseguiam-nos para que eles, com as pernas quebradas — quebradas pelas suas mãos, voluntariamente, como quem quebra um fósforo —, tentassem em vão fugir-lhes, e não pudessem... E como eles os matavam aos poucos, dando um primeiro golpe, e parando a conversarem enquanto os pobres bichos, ejaculando sangue, se sacudiam, entalados entre os joelhos, na convulsão da asfixia e da dor!... E muitos iam acabar de morrer enquanto os depenavam, arrancando-lhes as penas... ainda quando viviam! Uma autêntica inquisição! Tenho assistido, por fatalidade, a muitos espectáculos de dor, mas nenhum iguala este, pelo seu requinte de crueldade, pelo seu sadismo e pelo que eu vi sofrer áqueles pobres animais. Corri a chamar um polícia... Pedi dinheiro emprestado para seguir com o processo, e consegui que a justiça castigasse esses facinoras. Ignoro o que foi feito deles; o que sei, sim, é que não puderam voltar a abrir a sua loja — o seu patíbulo de tortura...»



O carrasco da Praça da Figueira

Evocarei esta conversa, que data de há anos, ao receber a carta que se segue: «Meu caro X. Como tu, o teu jornal e os teus colaboradores estão sempre dispostos a acolher os protestos justos do público e a perseguir infâmias impunes, vou apresentar-te um caso bem digno de publicidade, como caminho mais rápido para que sejam castigados os in-

Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

divíduos que, num instinto invulgar de malvadez, praticam, não sei há quanto tempo, e livremente, constantes crimes (pelo menos a minha sensibilidade crimes os considera...), sem que lhes vão às mãos. Existe um negociante de criação, um tal Jerónimo Cabral, que, segundo me informam, já esteve estabelecido com esse mesmo negócio, na Praça da Figueira, e que hoje se limita a fornecer aos revendedores peças mortas, por grosso e a retalho, sirvando todas as manhãs pelo mercado, seguido por uma carroça onde transporta o seu artigo: galinhas, frangos, patos, pombos, já depenados e prontos para o caldeirão.

«Os clientes, além de alguns — poucos — revendedores (estes, justiça lhes seja feita, não têm muita confiança nele), são os que vão todos os dias à Praça fornecer-se de grande quantidade de alimentos para hotéis, «restaurants», navios que estão ancorados no Tejo, etc.; e como é faz uns preços excepcionais, o negócio prospera e enriquece-o, como demonstra o grosso cordão de ouro que lhe risca o colete, enfeitado de unhas de elefante e berloques de mau gosto. Pois bem: esse Jerónimo Cabral e seus auxiliares formam um bando de facinorosos, não sei ao certo a sua morada. Mas vive para as bandas da Graça e tem um pátio onde todas as noites (prefere a noite por causa da vizinhança) realiza a matança dos animais que há-de vender no dia seguinte. A sua primeira crueldade está no transporte dos galináceos. Vai comprá-los aos arredores, escolhendo de preferência os que... não estão muito católicos. Depois, como teme que a vizinhança proteste..., encaixota os pobres bichos e é em caixotes e não em cestos que entram em sua casa. Apesar dos pequenos respiradores que ele abre nas tábua, os animais chegam meio asfixiados, aleijados, e muitos deles mortos. Os que não morreram no suplício do transporte são torturados na hora da matança, porque ele e os ajudantes parecem ter especial prazer em prolongar-lhes a agonia e riem-se alegremente ao vê-los sofrer! Como têm fama de valentes de zaruella, os que conhecem este seu segredo temem revelá-lo. A própria pessoa que me informou, sendo de absoluta confiança e incapaz de uma mentira, fez-o a médio e incompletamente. Contou-me, entre outros factos de affligir o mais gasto dos corações, este que se segue: Outro dia, num vôo desesperado — se vôo se pode chamar —, pulou para casa de um vizinho do sr. Jerónimo uma pobre galinha cujo pescoço estava já golpeado e cujo corpo estava já depenado... E sabes como foi a morte deste animal? Pisando a própria cabeça, porque o golpe dilatou-se num esforço da fuga e o pescoço, perdendo a firmeza, tombou, arrastando-se ainda, mesmo assim, por aquela estranha vitalidade dos galináceos em especial e dos degolados em geral, cujos corpos depois da decapitação ainda dão sinais de vida — não se sabe como nem porque.

«Pode-se consentir semelhante barbaridade no século XX? Que eles depenam as aves antes delas morrerem é um facto provado e é mesmo o seu sistema. Que se contentam em dar um pequeno golpe no pescoço e deixá-las assim, numa longa agonia, por prazer ou para aproveitarem o sangue, também é verdade! E outros requintes de malvadez com que escuso de te atormentar, porque conheço os teus nervos! Sei que esse cavalheiro foi, há tempo, preso e condenado pelas mesmas proezas; e tanto assim que o retrato que te envio, e que me foi cedido pela pessoa que me informa, é um recorte dum jornal da época que noticiou a sua prisão. Teu velho amigo: *Xavier Tavares.*»

Comentários — para quê?

Os negociantes de criação da Praça da Figueira, a quem estas crueldades repugnam porque são homens de bem, que fixem o nome de Jerónimo Cabral e que sejam os primeiros a denunciá-lo.

R. X.

existe de jornalístico (um jornalismo conforme as condições e os materiais de cada época) nas suas obras máximas. E, assim, *Camões — o próprio Camões!* — escreveu, em versos lapidares, os *Lusíadas*, que é a grande, a deslumbrante reportagem da vida lusitana até ao período aureo. Mas desçamos a outros exemplos mais modestos, mas brilhantes ainda. *Que fez D. Francisco Manuel de Melo?* Jornalismo, puro jornalismo, flagrante reportagem. Éle tem crónicas que hoje, publicadas na imprensa diária, se confundiriam com reportagens dos melhores «reporters» do nosso tempo, pela elegância de linguagem, pelo nervosismo fugidivo da frase, pela concisão do conceito — tudo características da reportagem moderna. E o que é a obra do *Cavaleiro de Oliveira?* Reportagem.

A que se deve o triunfo mundial de *Victor Hugo* senão ao espírito essencialmente jornalístico, genialmente jornalístico, que anima as suas obras? Que fez *Zola* senão reportagem?

O triunfo da reportagem na literatura acentuou-se espantosamente depois da guerra. O espírito público, com a sua sede de verdade, com a sua ansia, aguçada pelas tragédias guerreiras, de ver, através da literatura, as grandes hecatombes, de sentir, através da palavra escrita, as emoções angustiosas de uma vibração que a fantasia romanesca jamais alcançou, de um horror tão intenso que faz empalidecer o Inferno imaginário de Dante, exigiu do escritor a grande, a alta reportagem da vida.

Surgiu *Henri Barbusse* com os seus romances, que são reportagens formidáveis, *Le Feu* e *Clarté*. E os grandes escritores lançaram-se anelantes na nova técnica literária, que vive essencialmente da observação jornalística, chegando-se ao livro mais popular do mundo, ao triunfo completo do jornalismo na literatura que é o *A l'ouest rien de nouveau*, de *Henrique Maria Remarque*. E chegou agora ao livro de psicologia íntima, feito com a penetração e a objectividade de reportagem de um acontecimento, que é *José* procura a liberdade, de um autor alemão desconhecido em Portugal — *Hermann Kesten* — que uma tradução espanhola me fez conhecer por acaso.

Hermann Kesten é um escritor novo, nasceu no princípio deste século, e o seu livro, que em castelhano se intitula *José* busca la libertad, é também de uma novidade, de uma originalidade tão grandes que, mesmo dentro desta moderna forma literária que se pode classificar de jornalística, constitue caso ímpar na literatura moderna.

É uma novela de duzentas e poucas páginas e toda a acção decorre em menos de vinte e quatro horas. Escasseia-nos o espaço e o alento para tentarmos dar do seu entrecho uma pálida ideia. Limitamo-nos a enunciar, em traçar muito ao de leve as suas linhas principais. Tudo gira em torno de um rapaz que acaba de completar treze anos, que sente uma grande ansia de verdade e vive esmagado sob o mistério e a ignorância da vida com que o rodeiam a pretexto da sua pouca idade. Nesse dia — no dia em que completa os seus treze anos — esconde-se num esconso do seu lar. E então assiste à revelação de todos os mistérios e segredos que o cercam. Vê a mãe prostituir-se, assiste à entrada do cadáver de sua irmã, que se suicida, que se afoga num ribeiro, desiludida dos amores secretos que mantinha com um tio, um parasita ignóbil do seu lar. As realidades, as íntimas realidades de sua família revelam-se, todas, num só dia aos olhos inexperientes de José, que em vinte e quatro horas adquire, como se ingerisse um veneno de um trago, a experiência e a desilusão que normalmente todos nós, mortais, vamos absorvendo aos poucos através da existência. Uma alma de sessenta anos instala-se naquele corpo juvenil, ocupando-o à força, brutalmente, como uma bola que se sopra e enche de repente até estourar.

Este livro, que marca um gran triunfo da nova modalidade literária a que aludimos, é a reportagem intensa de uma alma, escrita em linguagem simples, nervosa, fulminante, como um artigo de jornal relatando um acontecimento emocionante produzido poucas horas antes. As passagens mais intensas, mais dolorosas, são sublinhadas por comentários tão crueis e tão verdadeiros que chegam a assumir o aspecto de um cinismo sublime.

Cerrando, anelante, a última página desta novela admirável, escrita por um homem da nossa idade, da nossa geração, do nosso tempo, quedamos com a certeza de que os «reporters» que gastam a existência a vibrar na alta tensão dos acontecimentos, em contacto com a vida viva, destronaram por completo os repousados escritores que escrevem com as portas fechadas ao mundo, na persuasão de que do vácuo dos seus gabinetes poderão tirar alguma inspiração comovente.

MÁRIO DOMINGUES

VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURAO «Reporter X» vende-se em
todas as tabacarias

O cinema falado

(Continuação da pag. 9)

incomparavelmente mais aparelhos fonográficos e discos num mês do que então num ano. Todos estes factos inspiraram milagrosamente os Worn... Regressaram a Hollywood, suspenderam toda a produção silenciosa, reinquiram todo o capital disponível e, cercando os seus studios de altos tapumes, sequestrando os operários, que ficaram proibidos de sair à rua durante as obras, modificaram o mais pequeno dos *attellers* (o mais económico), muralhando-o, limitando-o apenas a uma porta; fizeram várias experiências em que entravam os princípios da T. S. F., da fonografia e da cinematografia, até conseguirem, sempre em segredo, a essência do cinema-sonoro — o primitivo, menos perfeito do que o actual, mas já espantoso em contraste com tudo o que se fizera anteriormente. Quando se certificaram de que não era sonho a sua esperança — contrataram novos artistas sob as mesmas condições dos operários: as do sequestro voluntário. Houve um — e bem conhecido — Tony Brust — que, assinando o contrato, fez uma *blague*: — «Dar-se-á o caso que vocês tenham descoberto em segredo a quadratura do círculo ou a sonoridade da arte muda?» Outra *blague*, mas esta do Destino: para o primeiro filme sonoro necessitavam dum corcunda. O agente forneceu-lhes o artista pedido — e os Worn, esquecidos da exigência essencial da sua nova indústria, não o interrogaram sob as suas qualidades vocais. Quando o homemzinho, maquilhado e fregolizado para a filmagem, avançou no *plateau*... descobrem que... era afónico, quasi mudo, sem a menor possibilidade de ser atendido pelo microfone. Realizadas as primeiras produções e levadas, sempre em segredo, para New-York, o êxito — o êxito da novidade — foi espantoso. Os gigantes, os que tinham «assoprado» a morte do pigmeu, os que tinham sido surpreendidos pelas precauções dos Worn e tentado, em vão, espiado o seu segredo, alarmaram-se. O filme silencioso estava morto — e nascia uma nova era para o cinema, duradoura ou transitória, mas inevitavelmente exigida pelo público.

Ao mesmo tempo que os Worn se libertavam da ameaça da ruína para entrarem numa época de riqueza como nunca tinham experimentado (só no primeiro ano ganharam perto de 50.000.000 de dólares, líquido), as outras casas, os *trusters*, julgando que o «sonoro» travara as muitas exigências da concorrência, que atingiam esbanjamentos de capital, sempre crescentes, sem que se previsse uma fixação possível, lançaram-se no filme sonoro precipitadamente, sófregamente, transformando studios, despedindo e contratando pessoal, oferecendo prémios fabulosos a todos os técnicos que aperfeiçoassem o sistema. A loucura, em suma. Em semanas Hollywood modificou por completo o seu aspecto. «Ases» que na véspera levavam vida de príncipes russos, caíam na miséria; «estrelas» que estavam a meio caminho da glória, estavam-se no solo, bruscamente; tudo porque as suas vozes não obedeciam às exigências do «sonoro». O microfone começou a reinar, como senhor absoluto, na capital do filme. A selecção era feita agora pela *laringe*, como outrora pelo *rosto*. Já não se falava em virtudes *fotogénicas*, mas sim em *fongénicas*... Do dia para a noite ficaram sem contrato perto de 500 artistas, alguns de primeira categoria; em compensação, comparsas que só trabalhavam duas ou três vezes por semana a 4 ou 5 dólares o *cachet*, guindavam-se à categoria de *vedettes*, com ordenados fabulosos. Os agentes dos *trusters* partiam para New-York, para Chicago, para as grandes cidades, com a missão de arrebanharem os «ases» do teatro — aqueles que até então tinham sido desprezados pelo cinema-mudo.

Mas a ilusão de um novo e mais vasto paraíso pouco durou. O público — a Humanidade — não aceitava incondicionalmente o filme sonoro. O realismo do som vinha quebrar o mais encantador bruxedo do filme — que era precisamente o silêncio. O silêncio estava para o cinema como a cor para a pintura, como a forma para a escultura, como a voz para o teatro! Cada arte é arte pelo narcótico especial com que nos faz sonhar. No cinema esse narcótico era a vida, a luz, a forma, numa sucessão de imagens, passando pelo nosso olhar, tão silenciosamente como as imagens do sonho se sucedem no nosso espírito no silêncio da noite e do sono...

Além disso só uma minoria de empresários dispunha de capital para transformar os seus cinemas



O público numa sessão de cinema popular

para o «sonoro» — e este não só reduzia o número de clientes como, aristocratizando o cinema, o afastava do seu principal e mais numeroso adorador: o povo... E os *trusters*, coçando a cabeça, profetizaram que o cinema-sonoro não tinha longa vida.

«— Pois bem! — continuou o meu companheiro de domingo, depois de eu ter examinado o velho actor. — Vou explicar-te como foi ele o primeiro artista do mundo a fazer cinema-sonoro. Chamasse Alberto Roque, teve a sua época, foi um artista dramático com bastantes qualidades, mas a sorte, não o protegendo, impediu-o de brilhar nos palcos da capital, limitando a sua fama à província. Quando apareceram os primeiros cinemas em Portugal — 1904 ou 1905 —, Roque, que é inteligente — e era então moço —, propôs a um empresário o «cinema-falado». Contratou alguns colegas — três ou quatro — e, improvisando um diálogo, imitando todos os ruídos (as patas de cavalos eram teijolos matraqueados uns nos outros), apitos, tábuas, zincos a tremelizar — para fazer o trovão — bolas de chumbo dentro de cafeiteiras — para fazer a chuva —, todo o material de contra-regra dos teatros e mais algum por ele inventado, ei-lo a praticar o cinema-sonoro. O primeiro filme sonoro que ele interpretou, ensaiou, criou, em suma, foi «O contra-mestre incendiário». O êxito ultrapas-

sava todas as profecias! Um empresário espanhol propôs-lhe um contrato vantajoso — para ele ir a Madrid organizar, no «Eldorado», o seu sistema. E foi! E trouxe de Madrid algumas pesetas amealhadas. Entretanto, certos artistas de categoria que estavam desempregados ofereciam-se ao Roque para o seu elenco cinematográfico — com a condição de não se revelarem os seus nomes. Ficarias surpreendido se eu dissesse quem eram esses artistas. Pouco depois, o cinema-falado tinha o seu triunfo máximo: o cinema «Chantecler» — dos Restauradores.»

O «Chantecler» é um dos mais antigos cinemas da capital. É também dos mais pitorescos e dos mais honestos, porque sendo a cinematografia essencialmente uma arte democrática e popular — o «Chantecler» resistiu a todas as estilizações e manteve-se sempre fiel à sua tradição e ao seu público. E, foi sempre — e não estamos aqui a fazer reclamo — o mais barato, o mais querido do pequeno público. Essa barateza obrigava-o a grandes economias; uma dessas economias, durante meses — e há muitos anos —, consistiu em não haver bilhetes para os lugares de geral. O espectador da geral pagava e estendia a palma da mão no *guichet*, e o bilheteiro carimbava-lhe a carne; e ele, para entrar, tinha de exibir a palma da mão carimbada ao porteiro...

Mas de todas as tradições do «Chantecler», a mais gloriosa é, sem dúvida, a de ter sido o primeiro cinema-sonoro do mundo... Ainda me recordo, em menino, das noites de emoção que gozei ao assistir aos filmes falados: as tempestades sonorizadas com zincos, bolas de chumbo e buzinas; as fuzilarias feitas a martelo, e os artistas *fongénicos* berrando de dor, nos lances dramáticos. Muitas vezes os filmes estavam mal ensaiados: ouvia-se uma mulher rir às gargalhadas quando no *écran* um homem chorava como um bezerro... ou vice-versa; mas que importavam essas pequeninas deficiências, se o público delirava de emoção?

Glória ao «Chantecler» e ao velho actor Alberto Roque, os autênticos criadores do «cinema-sonoro»!
R. F.

Novela Policial

O MAIOR ÊXITO DA LITERATURA EMOCIONANTE

PELA PRIMEIRA VEZ O NOSSO PÚBLICO POSSUE UMA LEITURA POLICIAL PORTUGUESA, DESENROLADA EM PORTUGAL, COM PERSONAGENS PORTUGUESAS, EM REDOR DE ASSUNTOS PORTUGUESES

Leiam a

NOVELA POLICIAL

Uma burla que dura 20 anos

(Continuação da pag. 5)

lícia francesa, auxiliada pela portuguesa, soube que os fugitivos estiveram hospedados alguns dias no Hotel Borges, talvez com intenção de embarcarem para a Argentina, e, pelos sinais que obtiveram e pelo rápido inquérito a que procederam no hotel, apuraram que Frederico Humbert usava o nome suposto de Carlos Blanc, horticultor; Teresa Humbert, o de Marta Henry, viuva, nascida em Bruxelas; Romain Daurignac, irmão de Teresa, Pedro Jouine Duval; Emile, Leo Marques. Eva passava por esposa de seu pai; Romain por marido de sua irmã. Sabia-se também que os fugitivos tinham partido para Madrid.

«Após a leitura desta notícia, eu não podia duvidar da origem daquela gente. Estava explicado o mistério que os rodeava. Aquela Madame Marta que no combóio mantivera comigo uma conversa tão elegante e espirituosa era a célebre Madame Humbert da herança dos milhões de Roberto Crawford, que não passava de um bluff, um escândalo que estalara poucos dias antes em Paris, envolvendo ministros, advogados, notários, tudo o que havia de melhor na sociedade francesa. E Eva era... Eva, filha de Madame Humbert e de Frederico. Estava compreendido o engano que ela tivera na véspera da partida para Madrid, quando tratava por pai o seu suposto marido.

«Eu era, pois, em Madrid, a única pessoa que conhecia de perto e sabia onde se escondia toda aquela família que nesse momento a polícia espanhola procurava activamente. Mas a minha boca não se abria. O meu coração estava tão angustiado como o deles. Tremia por Eva, a primeira mulher que me enfeiticara até ao ponto de me fazer perder a cabeça».

A HISTÓRIA DE UMA HERANÇA

Herculano Santos deteve-se um momento a tomar fôlego e perguntou-nos:

— Você conhece o caso dos milhões de Crawford inventados por Madame Thérèse Humbert?

E, como soubessemos muito pouco do assunto, ele prosseguiu:

— Não admira porque você devia ser muito pequeno quando o escândalo estalou.

«Teresa Daurignac pertencia a uma família de pequenos burgueses de Toulouse. Em 1878 apaixonou-se por Frederico Humbert, filho de um alto funcionário da República. Ela tem vinte e três anos, ele vinte e um. O pai de Humbert, a princípio, não vê com bons olhos o casamento. Ai, porém, Teresa demonstra já uma energia invulgar para a sua idade; luta e vence todas as resistências. Casa com Frederico e os noivos vêm viver para Paris.

«Frederico Humbert é sub-chefe do gabinete do pai. Tem uma situação brilhante. Teresa, que tem ambições desmedidas, perde a cabeça. Ela sabe que a melhor maneira de obter dinheiro é fazer crer aos outros que se possui muito. Ela compra um domínio em Vives-Eaux por 250.000 francos, depois outro, no Meio-Dia da França, por dois milhões. Tem carruagem, creados de librê. Compra uma propriedade na Tunísia, um palacetem em Paris, na Avenida Grande-Armée. As primeiras propriedades foram compradas a crédito, as outras com títulos de dívida francesa... falsificados.

«Estas negociatas, porém, não satisfazem a imaginação de Teresa. Ela quer mais, sempre mais. E' então que ela inventa o romance mais audacioso da sua vida. Sabe-se em Paris que um americano riquíssimo, Robert Henry Crawford, acaba de morrer deixando um testamento, datado de Nice, pelo qual lega a Teresa todos os seus bens. Mas pouco depois sabe-se que foi encontrado outro testamento, datado do mesmo dia, que reparte a fortuna por Maria Daurignac, irmã de Teresa, e

dois sobrinhos do testador, Robert e Henry Crawford, com o encargo de conceder a Teresa uma renda de 30.000 francos por mês. A lei não pode decidir qual dos dois testamentos, escritos no mesmo dia, deve ser considerado válido.

«Teresa faz constar com grande intensidade que os irmãos Crawford pretendem atacá-la por intermédio da Justiça, mas que depois se mostravam na disposição de transigir.

«Dois anos depois, isto é, em 1884, os irmãos Crawford não se importam de desistir da sua parte na herança, se lhes pagarem três milhões de francos a cada um. A partir desse momento até 1902 sucedem-se os processos na primeira instância, depois vêm os apêlos, cheios de incidentes e demoras em virtude dos irmãos Crawford residirem na Norte-América. Até que, em Janeiro de 1890, os esposos Humbert vêm considerado válido o testamento em seu favor, podendo entrar na posse



O inspector France, que prendeu os Humbert em Madrid

dos milhões da herança. Os Crawford reagem. Um deles, Robert, desiste se seu irmão desistir também. Mas o outro toma a ofensiva. Consegue que se detenha a execução da sentença em favor de Madame Humbert.

«Teresa, fundamentando-se em que tinha ganho a questão, pode para entrar na posse de nove milhões de francos para comprar aos Crawford e a sua irmã Maria a desistência. Esta autorização é-lhe concedida em 7 de Maio de 1896, confirmada em 1897 e 1900. Mas os Crawford recorrem, sendo, no entanto, vencidos em 1901. Estão os Humbert vitoriosos.

«Mas os Crawford sabem que os Humbert haviam hipotecado bens da herança e intentam um processo para que os Humbert percam o direito à herança. E esta dansa dura vinte anos, durante os quais os Crawford tomam um vulto considerável e real na vida e na opinião pública francesa, que segue a luta com uma atenção e uma paixão de assistência de combate de «box».

A DERROCADA

«E durante esses vinte anos, à sombra dos milhões que tinham a receber e cuja existência os tri-

bunais, com as sucessivas decisões em favor dos Humbert, confirmavam, Teresa faz uma vida principesca. Arranca, com promessa de recompensa larga, somas consideráveis aos agiotas. Dá banquetes em sua casa a ministros e artistas. Paul Deschanel, que mais tarde viria a ser Presidente da República, passa por pretendente à mão da irmã de Teresa. Le Royer, presidente do Senado, Méline, presidente da Câmara, Henri Brisson, Jules Claretie e tantos e tantos outros nomes célebres daquela época são íntimos dos Humbert. O próprio Clemenceau lhes dispensava grande amizade e consideração.

«E um dia, Waldeck Rousseau, a quem uma das personagens em causa confiara a defesa dos seus interesses, lembrou-se de telegrafar para New-York. A resposta foi brutal. Os Crawford não existiam, nunca tinham existido. Toda uma intensa e brutal luta judicial, encarniçadamente travada durante vinte anos, luta que frígira os miolos aos melhores advogados, que dera um trabalho enorme aos tribunais, que apaixonara a França, tinha por adversário o vácuo e por objectivo a ilusão. Não existiam os Crawford, não existia herança.

«Quando a justiça procurou os Humbert no palacete da Avenida Grande-Armée encontrou-o abandonado. Toda a família se ausentara para parte incerta. Acabaram por ser todos presos em Madrid, depois das peripécias inéditas de Lisboa que lhe contei. Mobilaram-se celas de propósito no Carcel Modelo para os instalarem. E quando, depois de cumpridas as formalidades da extradição, a família Humbert se dirigia à gare sob prisão, o governador de Madrid foi apresentar-lhe despedidas, de tal fama de honorabilidade e respeito gozava, mesmo no estrangeiro, Madame Humbert.

«Teresa e seu marido foram condenados a seis anos de prisão, Romain a três, Emile a dois. Eva nada sofreu. Mas nunca, a despeito dos meus vinte anos de Paris, pois eu fui-lhes na peugada e por lá me deixei ficar até agora, soube do seu paradeiro. Desapareceu para sempre.»

As ultimas palavras de Herculano Santos foram proferidas quas' num sóbro comovimento. A sua paixão resistira a vinte anos de Paris.

GUIDO RUIVO

Quereis dinheiro?

Jogai no

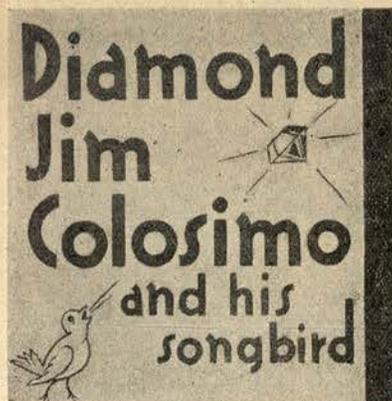
Gama

R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

Sempre sortes grandes!!!



Os segredos da vida do «Rei do Crime», revelados pelo bailarino português Bette Henriques, amigo pessoal de Al Capone

RESUMO DAS ANTERIORES
REPORTAGENS

Bette Henriques, um bailarino português que Lisboa conheceu no início da sua brilhante carreira, conquista, nos Estados Unidos, a justificada fama de artista máximo. Contratado para o célebre «Colosimo's» de Chicago, o «cabaret» de maior categoria e a que todos os artistas aspiram, porque trabalhar nas suas salas significa ficar definitivamente lançado, Bette Henriques é surpreendido pela apresentação que o gerente lhe faz de Al Capone, o «Rei do Banditismo Sangrento» da América, dono do «Colosimo's», que foi o berço desse mesmo banditismo e que serve de fonte ao álcool clandestino... Bette Henriques sente-se angustiado com esta apresentação, sobretudo quando Al Capone lhe declara que o estima e admira e se lhe oferece para o auxiliar em tudo, como um verdadeiro amigo; mas logo acrescenta: «Não julgue que penso em misturá-lo nos meus negócios. Deus o livre de tal. Para isso era necessário que eu não fosse seu amigo.» O êxito do nosso compatriota prolonga-lhe indefinidamente o contrato, e ele, sem querer, vai penetrando nos mistérios da casa. Descobre, por exemplo, que todas as noites entram, pelas traseiras, centenas de policemen e de detectives que vêm bebericar whiskeys ou cervejas, secreta e gratuitamente. O gerente, uma tarde, conta-lhe a história daquele cabaret, que pertenceu, há anos, antes da lei seca, a um tal Leoni. Entretanto, Al Capone, ainda quasi desconhecido no crime, propõe associar-se a Leoni, para a venda clandestina do álcool. Leoni informa-se sobre o futuro sócio e sabe que este conseguiu apossar-se da presidência da mais terrível seita de Chicago — a «Sociedade Secreta dos Trabalhadores Italianos», espécie de «Máfia», com perto de 100.000 sócios e centenas de crimes impunes todos os anos.

A «MAFFIA» DOS TRABALHADORES

Essa Sociedade fôra organizada, podia dizer-se, desde o início da imigração italiana; e em poucos anos de existência nenhum dos seus chefes supremos conseguira chegar ao fim do seu mandato ou morrer, pacificamente, no leito. A imensidade do seu próprio poder os esmagava. A grande maioria obedecia-lhes cegamente, porque a isso era obrigada e porque, se se indisciplinava, o mecanismo perfeito da seita apunhalava ou fuzilava, sem

AL CAPONE

E A «MAFFIA» DOS TRABALHADORES ITALIANOS

possível indulto, aquele que faltava ao seu dever; mas havia sempre umas células de descontentes ou de feridos ou então de ambiciosos que cubiçavam, para si ou para o seu partido, a presidência da Sociedade, e da amálgama destes ódios e interesses nascia irremediavelmente a morte do chefe recém-eleito, que aparecia numa poça de sangue, ao amanhecer, numa ruela sombria e deserta ou que caía, picado de balas, ao passar por uma das artérias mais luminosas e animadas da cidade. E apesar disso, apesar do suicídio que significava, insofismavelmente, o ser-se chefe da seita, os candidatos apresentavam-se em filas compactas, as eleições eram renhidas e nelas se queimavam fortunas, influências e vidas; e os vários pretendentes e seus partidários entrecrocavam-se em lutas tremendas.

Al Capone, já conhecido na polícia e nos *bas-fonds* da colónia como um ambicioso audaz, era sócio dessa «Máfia» embora não pudesse apresentar-se como trabalhador ou operário. Apeteceu-lhe apossar-se daquele imenso exército secreto e usá-lo, à vontade, ao sabôr dos seus interesses, dos seus planos, dos seus negócios. Mas, mais inteligente, mais hábil, mais prático do que todos os seus compatriotas, antes de se lançar na aventura, às cegas, na certeza de poder disfrutar dessa força apenas uns meses, caído, por fim, como os outros caíam todos, esmagados pela sua própria força, estudou calma e cientificamente — o crime também é uma ciência — o problema para que vencesse, sem atritos, e para que, depois da vitória, a usasse sem perigo, e usando-a sem perigo a prolongasse até quando lhe conviesse.

O plano de Al Capone, como todos os seus planos, era genial. E graças a ele, ainda hoje, volvidos mais de dez anos, governa, como rei absoluto, a «Sociedade Secreta dos Trabalhadores Italianos», sem perigo de concorrências ou de disputas ao seu poder, quando nos cinquenta ou sessenta anos que antecederam a sua primeira eleição nenhum presidente a chefiou e viveu, depois de eleito, mais do que alguns meses. E qual era o seu plano? O verdadeiro ovo de Colombo.

AL CAPONE, CHEFE ABSOLUTO DE 100.000 HOMENS

Al Capone não desmascarou logo de entrada as suas intenções. Primeiro, era preciso dinheiro, muito dinheiro, para pôr o seu plano em marcha, e ele não o possuía ainda. O que fez? Aproveitou a fama que gozava na Sociedade, expôs uns projectos de reforma, apenas administrativos, e contentou-se com a nomeação de tesoureiro. Ser tesoureiro da Sociedade representava ter à sua disposição a receita da mesma, que totaliza, semanalmente, milhares de dólares em cotas. Para que o uso e abuso dessa fortuna não fossem interrompidos pelo alarme dos fiscaes, agregou a si esses fiscaes... e dividiu com eles o produto da sua escamoteação. E ao pensar que podia agir sem perigos começou o seu *à la charge* para a presidência, mas por caminhos mui diferentes dos seguidos pelos outros. Antes de criar, dentro da Sociedade, o partido que devia elegê-lo, criou, fóra da Sociedade, outra seita exclusivamente dedicada à defesa da sua eleição, dos seus partidários e... sobretudo da sua pessoa. Se, dentro da Sociedade, fôsse decretada a sua morte, ele, antes que essa ordem tivesse tempo de ser cumprida, decretava, dentro da sua «Máfia», a morte dos que o tinham condenado e dos que deviam executá-lo. E para que se soubesse, logo de início, a defesa granítica que preparara à sua volta, ele próprio provocou, no partido contrário ao seu, um movimento de ódio e uma sentença de morte. Cinco horas depois dessa sentença ser proferida, em assembleia secreta, morria o sub-presidente, os juizes negros e os três executores encarregados da execução. Ante este aviso, os inimigos encolheram as garras. E' que nunca a Sociedade se defrontara com um inimigo assim, um inimigo que conhecia todos os seus segredos, que possuía amigos em todos os partidos, e que dispunha, exteriormente e só para seu uso, de uma Sociedade organizada pelos mesmos moldes. O que principalmente amedrontava os adversários era o exército de «pistoleros» de



... passaram por ali os «pistoleros» de Al Capone...

que Al Capone se cercara. A S. S. dos T. I. não dispunha doutros executores que os próprios sócios, os quais, por muito decididos e pouco escrupulosos e obedientes que fossem, não eram profissionais do crime, posto que eram trabalhadores, operários na sua maioria, fanáticos, sim, da sua seita, mas com a maioria do tempo tomado pela oficina, com família a contê-los e sem outra mestria no banditismo do que a... de amadores sem treino. Os outros, não: bem pagos, regalados por uma vida de taberna, treinados, desde a mocidade, em todos os exercícios e artes facinorosas, sem um sentimento generoso, sem um amor a fazer-lhes tre-

mer as mãos assassinas, sem medo da morte nem da penitenciária, indiferentes ante o castigo dos homens ou de Deus, constituíam um exército ameaçador, e Al Capone, comandando-o como supremo chefe, podia ditar à vontade as suas ordens aos 100.000 sócios da S. S. dos T. I. — porque nenhum deles ousaria desobedecer-lhe.

Só então Al Capone decidiu... elegeu-se, como um rei que se entroniza a si próprio. Os preparativos duraram apenas uma semana. No dia da eleição, havia alguns alucinados dispersos que, por espontâneo e solitário rancor áquele despotismo que invadia a Sociedade e que tirava aos sócios, e pela força, o direito dos sócios tirarem, pela força também, os presidentes que lhes caíam no desagrado, premeditavam uma desesperada rebeldia, para que a eleição, como todas as anteriores, não terminasse sem a apoteose de sangue. Mas ao verem Al Capone entrar na sala imensa muralhada pelos corpos dos seus legionários e ao notarem que as vestes d'esses legionários incluíam sobre o volume das carabinas propositadamente mal ocultas, os mais decididos a sacrificarem-se desistiram do seu intento... E assim Al Capone foi o primeiro presidente eleito sem que a sua eleição fôsse salpicada por uma só gota de sangue; e assim Al Capone foi reeleito três vezes, sem oposições nem tragédias, e à quarta eleição, quando todos se preparavam para mantê-lo na chefia suprema, Al Capone ordenou que elegeassem em seu lugar um dos seus marechais, que agiria sob a sua inspiração directa, e que o respeitassem como se fôsse ele próprio, porque, de contrário... (um rápido e discreto gesto indicou os «pistoleros» que o cercavam). E explicou então: «Os meus negócios, dos quais tem dependido a indiscutível prosperidade moral e material desta sociedade, desenvolvem-se de dia para dia, exigindo uma atenção mais directa e constante e obrigando-me a desviar-me um pouco desta casa. Mas isso não impede que o vosso verdadeiro chefe seja eu e que vocês me obedecam, porque obedecendo poupam a vida e dilatam o nosso poderio.»

E era verdade! Sob a presidência de Al Capone, os crimes, as chantagens, as proezas da Sociedade tinham-se multiplicado, defendidos por uma impunidade mais forte que desesperava a polícia, os juizes e a população burguesa. Mas em troca d'estes... serviços (?) que Al Capone lhes prestava, a sua fortuna, a sua prosperidade pessoal, os seus negócios, os seus crimes dilatavam-se também, graças ao exército de 100 000 homens que lhe obedecia cegamente. Por isso não lhe convinha separar-se da seita, como nunca se separou, visto que ainda na última eleição (Agosto de 1930) foi outro dos seus marechais eleito presidente. Mas onde o talento do «Rei do Crime» começou a evidenciar-se foi precisamente na época em que ele propôs a Leoni a sua entrada como sócio no «Colosimo's» — o berço do banditismo de Chicago —, como o gerente explicou a Bette Henriques e como Bette Henriques, na próxima reportagem, vos descreve, em toda a emoção dos seus episódios mais folhetinescos e palpitantes de interesse.

R. X.

NO PRÓXIMO NÚMERO: «Como Al Capone organizou os seus negócios».

Bairros de mistério, de crime e de miséria

(Continuação da pag. 6)

veis, ou seja totalmente nuas — sem outra peça de guarda-roupa que as sapatilhas que semi-ocultam os pés encardidos... É a caça ao vício, mas no desespero da fome, na alucinação da conquista de uns *pfennings* em troca de todas as exigências...

Houve um momento em que sofri uma lástima maior do que o quadro em si, pelo seu horror natural e inédito: foi quando vi surgir, duma embocadura, uma jangada policial... O que pensei eu — pobre e ingénuo neófito do «Bairro Caravela»? Que aquela nudez era clandestina, a última audácia da fome, a loucura colectiva na busca de comprador, mas que as autoridades, avisadas por qualquer denunciador agoniado, vinham castigar com um mal maior aquele mal já tão grande... Mas qual não foi o meu pasmo ao ver que o único efeito conseqüente da presença da polícia era o de se abomelarem as conversas e de se apagarem os risos espalhafatosos e artificiais; mas... nem mudavam de posição nem corriam a esconder-se no interior dos casebres ou a semi-velar, com qualquer traje, a sua nudez repugnante e horrenda.

«— Esta nudez — afirmou o nosso camarada — não é apenas um último e desesperante *truc* em busca do pão pelo mais degradante dos *métiers*; é também uma tradição. O «Bairro Caravela» e, dentro d'ele, esta rua, são antiqüísimos como antiqüísimos são os seus costumes.»

Era longa a via — e nós calcurreámos-la lentamente, parando aqui e acolá, em passo de observadores... Houve tempo para meter, dentro do percurso, vários assuntos de palestra... Um dos três jornalistas que me acompanhavam, o redactor do «Journal du Peuple» e amigo de Barbusse, fôra professor antes de se dedicar às letras — professor de línguas — e cursara o espanhol no Berlitz. Não sei a que pretexto começámos a medir a distância que separa o português do castelhano; e, como fita métrica, pronunciei, em voz alta, várias frases em português... Tínhamos estacado nesse momento, e por *tic*, por mecânica, por sonambulismo profissional, começou a cortar-nos, a zumbir-nos com desafios galantes, em alemão, uma das *Phrynés* da via, talvez a menos horrenda, a única cuja carne não estava completamente sorvada ou enxudada por aquela vida. Mas o mais berrante contraste entre ela e os vários tons de brancura, os vários azues das íris e os vários loiros das outras — desde o loiro-branco, deslavado, até ao coagulado, ao ruivo, ao «côr de cenoura» — era o tom moreno, moreno-moiro da sua pele, o negro-envernizado, reverberante, dos seus cabelos, e o ca tanto escuríssimo e luminoso dos seus olhos. Súbito, a meio das frases portuguesas por mim pronunciadas, suspende o seu vô de *cocotte*, o seu sorriso de cortesã, olhos, boca, escancararam-se no mesmo pasmo ou mesmo horror, tremem, encolhe-se, tapa-se, numa febre de pudor, num frio de vergonha, numa tortura... de tristeza — e abala, em correria, para o seu portal e nele desaparece.

Era portuguesa — a desgraçada; e assim como se afitzera à miséria daquela vida, a mais prostituída de todas do mundo, e se insensibilizara ante os marítimos embriagados e estrangeiros que por ali passavam — reconquistara, num segundo, todo o pudor da sua r ocidade original, ao vêr-se ante um português que lhe recordava o passado, a honra, a aldeia onde nascera e onde talvez se perdera para sempre...

Chamava-se Maria Alice Campos — e era natural de Barcelos. Tinha uma história, uma história para contar — mas não agora, que só trato de bairros... e não de mulheres.

Os grandes senhores da Rússia

(Continuação da pag. 7)

me Recamier e de Chateaubriand, fôra amiga de Alexandre Dumas e Lamartine e de quasi todas as celebridades europeias de então.

Mais tarde foi dama de honor da grã-duquesa Helena em São Petersburgo, conheceu Tolstoi, Dostoiévsky, Turguenief e Goncharov. Ainda se recordava da primeira vez que a palavra «nihilista» fôra pronunciada pelos lábios de Turguenief. Evocava o atentado de Vera Sasulich contra Treppoff, «O Terrível», dizia aneddotas dos amores de Alexandre II com a princesa Jurjevskaya, descrevia com grande cópia de pormenores a morte de Alexandre II, sabia de côr, porque o vivera, todo o reinado de Alexandre III e conhecia na sua intimidade os amores de Nicolau II com a princesa Alicia de Hesse.

Os olhos que viram os acontecimentos mais importantes e mais íntimos de três *tzars* da Rússia, que assistiram às festas mais brilhantes do segundo Império em França, extinguíram-se agora, num velho castelo que a caridade burguesa de uma milionária americana transformou em asilo de nobres.

MISERO PRESENTE

Se dissessem há dez ou quinze anos ao comandante da divisão dos torpedeiros do Báltico, perante quem se curvavam grandes senhores e a marinagem disciplinada, que ainda viria um dia a tirar humilde e respeitoso o chapéu ao primeiro desconhecido que lhe exigisse os serviços — êle não acreditaria. Infelizmente para êle, para o seu passado de grandezas, para o seu orgulho de senhor omnipotente, o comandante da divisão de torpedeiros do Báltico, o terror dos mares do Norte, é hoje um apagado «chauffeur» de «taxi» a quem os clientes tratam altivamente por tu.

O director da Escola Naval Russa, mestre de tantas figuras gloriosas da marinha do grande império, é presentemente intérprete de um hotel. O conde Belosevsky, antigo general, vive de esmo-las em Berlim.

O coronel Schaltin percorre o mundo como artista de circo. Chateaubrun, oficial *tzarista*, converteu-se em bailarino de «cabaret». Depois de trabalhar nos «cabarets» mais elegantes da Côte d'Azur e de Paris, fez-se empresário do «cabaret» russo, em Londres, a que deu o nome de Kasboe, a célebre montanha do Caucaso. Nesse «cabaret» o foi encontrar, impediável na sua casa, o nosso Director, por ocasião da sua reportagem acerca de Waterlow. O príncipe Yossupof, que matou Rasputine, é modisto em Paris.

O general Alexandre Ikonnikov ganha dificilmente a sua vida como «extra» nos «studios» de Hollywood. Outros generais são engraxadores, vendedores de jornais, porteiros, creados, jardineiros, etc.. E há officiaes do exército que extraem pedra de pedreiras.

Alguns dedicaram-se à literatura, tendo por vezes alcançado êxitos notáveis. Wrangel e Denikine, os últimos encarnados combatentes contra o bolchevismo, escreveram as suas memórias; o general Krasnov escreveu novelas. Um dos seus livros — *Das águas imoriaes à bandeira vermelha* — alcançou um êxito notável. O general Chinkarenko, um bravo que foi ferido três vezes, vive actualmente em Nice e escreveu uma novela sobre a guerra civil, que assinou com o pseudónimo Belgorodzev.

Estes grandes da Rússia, que a Revolução precipitou no abismo, lembram-nos os figurantes de certas operetas que no primeiro acto aparecem flamantes, marciais, nas suas fardas vistosas, conseladas da medalhas, e elas, vaporosas de gazes e rendas, nos seus papéis de marquesas — para no acto seguinte figurarem de maltrapilhos, miseráveis, comoventes.

A vida, afinal, não passa de uma grande operabufa, em que se ri agora para se chorar depois.

REPORTER X

Z.

AZEITE

SANTA CRUZ

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEPHONE 4697 — PORTO

NOVELA N.º 31

Quinta-feira, 24 de Setembro de 1931



OS TRÊS TRANSFORMISTAS

SENSACIONALÍSSIMO
ORIGINAL INÉDITO DE REPORTER X
LEIAM
